

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Gabriel de Negreiros Ketzer

**Movimento humano, percepção do Outro e Afetividade: a fenomenologia como  
tecnologia do encontro na Atenção Primária de Saúde**

Porto Alegre - RS  
2015

Gabriel de Negreiros Ketzer

**Movimento humano, percepção do Outro e Afetividade: a fenomenologia  
como tecnologia do encontro na Atenção Primária de Saúde**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e  
Dança da UFRGS como requisito básico para a  
conclusão do Curso de Educação Física.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Adriane Vieira

*Dedico este trabalho a todos aqueles que desejam enfrentar seus medos diante do impossível.*

## **Agradecimentos**

Meus agradecimentos são destinados a todos aqueles que me apoiaram; que estiveram perto ou mesmo longe de mim; presentes enquanto potência, forma e sabedoria.

Agradeço a força superior a qual chamamos de Deus e a sua subjetividade enquanto palavra, significado e absoluto.

Agradeço a minha família e a sua paciência frente ao tortuoso processo de instruir um ser ao mundo aonde, em meio a dor e aos atritos que passamos, aprendemos juntos a reaver o sentido da fraternidade e da afetividade, rompendo velhas visões sobre a convivência humana, em especial aos meus pais e ao meu querido irmão Estevan de Negreiros Ketzer, o qual me inspira diariamente na arte da escrita e da existência do ser-em-vida que somos.

Entre tantos nomes, aonde muitos eu espero guardar em minh'alma, meus amigos e colegas de universidade, o quais se fizeram presentes diariamente durante os anos de formação. Foram incontáveis os momentos aonde me sentira indisposto em busca de inspiração para seguir a longa jornada da graduação. Sem eles, minha voz e meu sorriso certamente teriam cessado seu curso enquanto movimento e ação.

Impossível esquecer a relevância dos professores e funcionários. Meu especial e eterno agradecimento aos professores Luiz Fernando Silva Bilibio, Adriane Vieira, Rubiane Zancan, José Damico, Jair Umann, Andrea Kruger Gonçalves, Alex Branco Fraga e Adroaldo Gaya por acreditarem na minha utopia enquanto graduando e ser humano; por me criticarem construtivamente; por não destruírem a vontade artística re(existente) em mim.

Agradeço ao enormes ensinamentos obtidos através dos alunos que passaram por mim e pelos profissionais da ESF Santa Anita, UBS Santa Cecília e HCPA. Sua receptividade e generosidade contribuíram ao meu aprendizado enquanto ser humano e graduando, decidindo a minha forma de expressão no mundo.

Por fim, agradeço ao silêncio, o qual me faz compreender cada vez o sentido de estar em um movimento para além do próprio tempo.

Já faz tempo que eu saí  
de casa pra viver  
no mar

*Mestre Ambrósio*

Se desejamos, na verdade, pesquisar profundamente dentro da lógica de nossa consciência e do nosso comportamento, e atingir seus pontos mais recônditos, seu motor secreto, então o sistema integral de símbolos construído na montagem deve apelar para a nossa experiência, para a realidade que nos surpreendeu e nos modelou, para a linguagem de gestos, murmúrios, sons e entonações extraídas das ruas, dos trabalhos, dos cafés – em suma, de todo comportamento humano que tenha deixado uma impressão em nós.

*Jerzy Grotowski*

Primeiro levaram os negros  
Mas não me importei com isso  
Eu não era negro

Em seguida levaram alguns operários  
Mas não me importei com isso  
Eu também não era operário

Depois prenderam os miseráveis  
Mas não me importei com isso  
Porque eu não sou miserável

Depois agarraram uns desempregados  
Mas como tenho meu emprego  
Também não me importei

Agora estão me levando  
Mas já é tarde.  
Como eu não me importei com ninguém  
Ninguém se importa comigo.

*Bertold Brecht*

## Resumo

Este trabalho tem como intuito revelar, através da escrita narrativa - construção a qual se desenvolveu ao longo de dois anos e meio em uma equipe de Estratégia de Saúde da Família, na cidade de Porto Alegre -, a importância da sensibilidade quanto movimento humano, explorando assim possibilidades de conhecimento empírico enquanto prática de saúde no âmbito da Atenção Básica em Saúde. Primeiramente, o trabalho traz uma breve revisão bibliográfica sobre os precedentes da fenomenologia para este trabalho (Edmund Husserl, Merleau-Ponty e Emmanuel Levinas) e expoentes desta corrente filosófica no Brasil e em Portugal enquanto contribuição para o cenário da Educação Física (Silvino Santin e Elenor Kunz e Manuel Sérgio, respectivamente). A constituição do saber, e em especial o saber inato o qual se manifesta pelo corpo, mesmo dentro do campo da área das ciências do movimento do humano, compreende o olhar para *ver o que lhe é dito a ver*, corroborando assim a determinações e perspectivas quanto ao que é corroborado a ser o movimento humano no homem. Quanto a isso, a fenomenologia traz à lume a necessidade de se estabelecer uma complexidade sensorial daquilo que o fenômeno revela, ou seja, revela-me *um outro lado* sobre aquilo que me é apresentado. Diante desse campo fenomênico, aonde a sensibilidade se desperta pela presença do Outro através do encontro, começa uma consciência a qual se corrói e se renova enquanto aprendizado e composição do saber (MERLEAU-PONTY, 2012). Sendo assim, esse aprendizado revela-se pela ética do olhar, permitindo desenvolver, posteriormente, um *logos sensitiva* aonde, por exemplo, se insere o cuidado em saúde.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Educação Física; Atenção Básica de Saúde; Sensibilidade; Saúde.

## Abstract

This work has the intention to reveal, through narrative writing - building which has developed over two and a half years in a team of the Family Health Strategy in the city of Porto Alegre - the importance of sensitivity as human movement, exploring so chances of empirical knowledge as health practice within the Primary Health Care. First, the paper presents a brief literature review on the phenomenology of precedents for this work (Edmund Husserl, Merleau-Ponty and Emmanuel Levinas) and exponents of this philosophical current in Brazil and Portugal as a contribution to the setting of physical education (Silvino Santin and Elenor Kunz and Manuel Sergio, respectively). The constitution of knowledge, especially the innate knowledge which is manifested by the body, even within the field of the sciences of human movement, comprises *look to see what is told to do*, thus confirming the determinations and perspectives as to what is confirmed to be human movement in man. In this regard, phenomenology brings to light the need to establish a sensory complexity of what the phenomenon reveals, in other words, reveal to me another side of what is presented to me. Given this phenomenal field, where sensitivity is awakened by the presence of the Other through the encounter begins a consciousness which corrodes and renews itself while learning and composition of knowledge (Merleau-Ponty, 2012). Thus, this learning is shown by the ethics of the gaze, allowing develop later a sensitive logos where, for example, falls within the health care.

**Keywords:** Phenomenology; Physical education; Primary Care Health; Sensitivity; Health.

## Résumé

Ce travail a l'intention de révéler, à travers l'écriture narrative - bâtiment qui est développée sur deux ans et demi dans une équipe de la stratégie de santé de la famille dans la ville de Porto Alegre - l'importance de la sensibilité que le mouvement humain, explorer si les chances de la connaissance empirique que la pratique de la santé dans les soins de santé primaires. Tout d'abord, le document présente une brève revue de la littérature sur la phénoménologie de précédents pour ce travail (Edmund Husserl, Merleau-Ponty et Emmanuel Levinas) et des exposants de ce courant philosophique au Brésil et au Portugal comme une contribution à la mise de l'éducation physique (Silvino Santin et Elenor Kunz et Manuel Sergio, respectivement). La constitution de la connaissance, en particulier la connaissance innée qui se manifeste par le corps, même dans le domaine des sciences du mouvement humain, *comprend oeil pour voir ce qui est dit de faire*, confirmant ainsi les conclusions et perspectives quant à ce qui est confirmé pour être le mouvement humain dans l'homme. À cet égard, la phénoménologie met en lumière la nécessité d'établir une complexité sensorielle de ce que révèle le phénomène, en d'autres termes, de me révéler une autre facette de ce qui est présenté à moi. Compte tenu de ce champ phénoménal, où la sensibilité est réveillé par la présence de l'Autre à travers la rencontre commence une conscience qui se corrode et se renouvelle tout en apprenant et la composition de la connaissance (Merleau-Ponty, 2012). Ainsi, cet apprentissage est représenté par l'éthique du regard, ce qui permet de développer plus tard un logos sensibles où, par exemple, insère les soins de santé.

**Mots-clés:** Phénoménologie; L'éducation physique; Soins de Santé Primaire; Sensibilité; Santé

## SUMÁRIO

<b>1. Pegadas sobre a areia (ou quando eu te deixo ver aquilo que tanto somos) .....</b>	<b>9</b>
<b>2. Das pequenas coisas dispostas sobre a mesa (e que me tocam sem serem percebidas).....</b>	<b>11</b>
2.1 - O método fenomenológico como abertura de sentidos .....	11
2.2 - Encontros sobre o abismo: quando a Educação Física encontra a fenomenologia .....	15
<b>3. De onde eu estou, o que me toca ainda é o Oculto (desenvolvimento e dimensionalidade do corpo) .....</b>	<b>17</b>
3.1 - Da <i>Physis</i> ao físico - mutilamentos da vida .....	17
3.2 - A dimensão do rosto como estrutura corporal para o Infinito.....	22
3.3- A Atenção Básica de Saúde e o trânsito humano: um convite a percepção.....	25
<b>4. O corpo-narrador: histórias da carne .....</b>	<b>Error! Bookmark not defined.</b>
<b>5. O corpo-escrita: grafia e anterioridade .....</b>	<b>40</b>
5.1. Em busca de uma língua comum aos olhos.....	40
5.2. Pensamento, Sensibilidade e Alteridade: o <i>logos</i> sensitiva enquanto possibilidade de intervenção na Atenção Básica de Saúde .....	44
<b>6. Prelúdio .....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>

## 1. Pegadas sobre a areia (ou quando eu te deixo ver aquilo que tanto somos)

Do que se trata a criação? Qual o alcance da pesquisa e da produção do saber a qual possa lançar o indivíduo ao encontro da própria vertigem - esta gerada pela dúvida ou mesmo pela escolha prática-, para além do conhecimento? Encontrar uma escolha segura para o contexto empírico do fenômenos e da dialética que se dá entre o discurso do eu como *ser-no-mundo*, percebo-me como fenômeno da minha percepção sobre o objeto e revelo, assim, possibilidades quanto a amplitude da pesquisa-criação. Aonde ou em que, enfim, revela-se *o meu problema?* O que se revela dentro deste *momento?*

A capacidade do corpo em produzir e reproduzir significados antecede o próprio movimento, promovendo tessituras cognoscentes que estão em constante flutuação, condicionando e descondicionando a matéria humana fenomênica (discutível e subjetiva, pois sem ela este *modo de ser em vida* deixaria vácuos nomináveis os quais, essencialmente, existem na manifestação da singularidade que emana em mim e no Outro). Quaisquer que seja o coletivo (uma comunidade periférica, um centro universitário, um Estado), intervir sobre o compreensível diante da capacidade do sensível se revelar no que pode vir a ser. Tal revelação pode surgir também epistemologicamente, seja como *a* saúde de um indivíduo, *o* estado de presença ou mesmo um *ato educativo* - o qual extravasa os limites do *professor* (aquele que *professa* determinado saber e seu discurso sobre o pensar) e do *aluno*<sup>1</sup>.

Essa capacidade de produzir significados abre caminhos para que o corpo possa reconhecer-se enquanto conhecimento (ou talvez essa busca por outras possibilidades), o qual não se condiciona pelo simples fato de existir e de se estabelecer somente como interpretação para ser reconhecido como *logos*, compreende um fator que se alicerça na experiência da narrativa daquilo que o corpo, quando este se fazia presente diante dos fenômenos vividos necessitava, de alguma forma, vociferar para além daquilo que fora vivido. Esse entendimento pessoal sobre o que era sentido - e neste contexto, a partir da experiência vivida na rede de

---

<sup>1</sup> No que corresponde a nomeação, ou talvez a titulação do indivíduo em alguém “desprovido de luz”, a hierarquização não deveria ser empregada como uma constante, institucionalizada e estéril como se observa em espaços escolares e acadêmicos porém, e a isso corresponde o princípio da constituição do processo de aprendizagem, *o que pode vir a ser o saber para este que está diante de mim*, aonde a prática se reorganiza constantemente, desenvolvendo o sentido de se estar nesta silenciosa comunhão -aonde por vezes beiramos a ilusão, visto que o que antecede o próprio saber se encontra no próprio ser, o qual se revela diante de nós em *afeto* e *bondade* (SCHELER, 2012). Certamente, esse seria um tópico a ser mais desenvolvido, porém acredito que salienta, ou melhor tatear este ser-em-processo, que é o Outro, norteara constantemente o rumo deste trabalho.

Atenção Básica de Saúde, na cidade de Porto Alegre traz, por meio da escrita, uma narrativa daquilo que o corpo presenciara a partir do fenômeno *in loco*.

Evidentemente, a escolha pela narrativa do fenômeno surge não apenas como a intensidade daquilo que foi vivido em algum momento pelo narrador, mas também, e aí a introdução deste elemento, como forma de distanciar-se do relato meramente informativo. Não por acaso, Walter Benjamin argumenta que “a informação só tem valor no momento que é nova. Ela só vive nesse momento”. Em contra-ponto, “ela (a narrativa) não se esgota jamais. Ela conserva suas forças e depois de muito ainda é capaz de desdobramentos”, pois “ela (a narrativa) mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Direcionar a experiência narrada, expor aquilo que atravessou o narrador e a narrativa, suas sensações diante da fugacidade do fenômeno, transmitindo assim ao leitor algo que possa revelar e gerar conteúdo, ou mesmo um *logos* o qual atravesse o leitor -, porém sem perder a riqueza daquilo que o fenômeno *inscreveu* sobre a carne do narrador. Logo, o que se busca por meio dessas narrativas rompe a dimensão da escrita como texto informativo, mesmo porque ela se projeta para o leitor sem uma intenção pré-determinada, pois navega pelos rastros das experiências daquilo o qual o corpo fora o seu mediador e, ao mesmo tempo, seu destino último.

Para embasar esta perspectiva quanto a um “corpo que sente” ou mesmo “uma escrita do corpo”, no intuito de preservar a essência da narrativa sobre o fenômeno, considere pertinente utilizar-me do método fenomenológico como forma de realizar um exercício reflexivo sobre a linguagem utilizada através dos relatos, buscando assim não perder a intensidade daquilo que fora observado e sentido pelo corpo-narrador. Assim, compreender os movimentos e as percepções da narrativa servem como possibilidade de reinvenção do saber à luz de um novo tempo aonde, em decorrência dos atravessamentos provenientes da narrativa, desenvolva-se uma leitura do próprio corpo em movimento.

Não por acaso, Merleau-Ponty (2011) declara que o corpo está imerso em um mundo de sensações e que é através do nosso corpo (físico e sensível) que entramos em contato com a “relação viva”, a qual se faz sentida pelo indivíduo, porém soma-se constantemente com o repertório de experiências deste, fornecendo não só um tipo de conhecimento inteligível, mas sim uma contribuição concreta ao saber - contribuição a partir da experiência que “reverbera” por todo ser.

Referir-se a experiência remete-nos a explorar caminhos pelos quais inscrevemos na memória frases de um tempo recente aonde, uma vez mais, podemos colocar o saber em um

exercício de acesso o qual nos projeta, não necessariamente as mesmas sensações mas, através da escrita, nos convida a um *reflexo do corpo* - lembrança de algo vívido o qual influencia o conteúdo de nossos movimentos - linguagem a qual nos compõem como ser e que se manifesta também na palavra escrita, no documento o qual fazemos uso. A recordação provoca atravessamentos, inspira a manifestação co-moventes no corpo, pois o registro feito pela escrita nos remete aquilo que outrora pertenceu a determinada situação e que nos elucida, em seu retorno, algo o qual se manifestou em *sensação* pelo corpo.

Logo, para este trabalho, buscarei responder, por meio das narrativas, se haveriam possibilidades empíricas, através do método fenomenológico (sem, no entanto, perder a busca por aquilo que o fenômeno pode trazer de conteúdo sensível ao indivíduo, transitando entre matéria e substância *a fortiori*), de se produzir um tipo de *logos sensitiva* na Atenção Básica de Saúde (ABS) a partir do encontro entre o eu e o Outro.

## **2. Das pequenas coisas dispostas sobre a mesa (e que me tocam sem serem percebidas)**

### 2.1 - O método fenomenológico como abertura de sentidos

Determinar o objetivo primário do método fenomenológico, pelo ponto de vista dele como somente o estudo dos fenômenos, permite revelar à experiência vivida sua simplicidade como acontecimento diante da própria visão e, posteriormente, a saber, como uma crítica direta ao positivismo e ao naturalismo, correntes de pensamento e de produção científica que deram origem ao século XIX. Não por acaso, Edmund Husserl (1859-1938) escreve, em 1935, o livro *Crise das Ciências Europeias* onde argumenta sobre a falta de entendimento da ciência moderna diante de seu desapontamento sobre a ciência positivista que ainda se colocava como o método mais seguro e correto de se produzir conhecimento. Entretanto, Husserl propõem o método fenomenológico como uma possibilidade de se “voltar as coisas mesmas”, ou seja, buscar a essência do fenômeno mediante aquilo que ele manifesta em ato, porém realizando, simultaneamente em seu método, uma crítica quanto ao *fazer* científico moderno, sobretudo ao naturalismo, o qual estava em ascensão na comunidade científica européia. Dessa forma, “voltar as coisas mesmas” seria uma possibilidade de se reencontrar a “essência” daquilo que é percebido, contrapondo-se a um pensamento relativista ou mesmo integralmente abstrato pois, quando o objeto observado encontra-se de frente a minha consciência, ao meu momento

presente ou de frente ao meu pensamento (“objeto-percebido” ou “objeto-pensado”), há uma correlação e, dessa forma, a “essência dessa correlação na qual não somente aparece tal ou qual objeto, mas se estende o mundo inteiro” (DARTIGUES, 2008). O que é consciente a mim não é mais uma pequena parcela do mundo, a qual eu entendo como um ser distante do meu domínio e do meu pensamento, mas “o lugar de seu desdobramento no campo original da intencionalidade” (DARTIGUES, 2008). O mundo seria, dessa forma, um lugar a ser vivido pelo ser humano, pois ele se apresenta em sua primeira forma a nos como “evidência irrecusável” para a consciência.

Apresenta-se e revela-se, porém não somente como imagem abstrata ou figurada, algo o qual exista somente no plano do imaginário. Husserl percebeu que ambas esferas, as abstratas e as empíricas, produzem um determinado *logos* porém seus processos, evidentemente, singularizam-se mediante a inspiração do observador e do que este pode revelar *essencialmente* sobre aquilo que lhe é apresentado ou, como o próprio Husserl subdivide em: as *essências exatas*, aonde se encontram a matemática e a física por seu rigor e sua relação indireta com a existência e as *essências morfológicas* ou *inexatas* que, ao contrário das *essências exatas* devem “expressar a vivência em todas as suas nuances e sem traí-la” (DARTIGUES, 2008).

Pode-se, a partir dessa breve apresentação dizer, ainda que de forma insipiente, que o método fenomenológico de Husserl baseia-se na experiência do fenomenólogo, daquele que vive a experiência a partir daquilo que o objeto de sua observação lhe oferece, permitindo assim uma análise descentralizada e reflexiva diante do fenômeno, sugerindo que aquilo que me atravessa como observador é também *conteúdo da análise* - sem necessariamente encontrar uma única definição para o meu fenômeno. Essa descentralização do objeto nos permite ir para além de uma análise empírica sobre o determinismo do olhar e da observação seletiva do que compreenderia a razão do saber pois, nisso, se o que interessa ao indivíduo observador é a *essência daquilo que o fenômeno expressa*, ou seja, se aquilo que está diante de mim é real e afeta-me em pensamento, bem como também em sensação, não posso meramente desconsiderá-lo como algo o qual exista somente como projeção de minha mente.

Ora, se existe uma afetação/catarse pelo acesso do fenômeno, a qual reverberou no observador, isto ocorre em detrimento do reconhecimento deste por determinado estímulo, o qual relaciona-se pela experiência, mas também pela *simpatia* a qual compreende o fenômeno em minha frente. Essa disposição diante daquilo que presencio me coloca em uma determinada distância, a qual me permite diferenciar o que realmente acontece como fenômeno vivido e aquilo a ser revelado como *essência* em minha observação, ou seja, não há

uma necessidade de me fundir ao fenômeno, porém devo reconhecê-lo como um infinito de possibilidades que compreendem a sua presença aonde, dessa forma, tudo aquilo que se aproxima de minha pessoa nunca poderá ser “qualquer coisa” ou algo o qual eu possa dizer inteiramente como não pertencente a minha realidade.

Vale destacar que Husserl, apesar de suas críticas ao fazer científico de sua época, debruçava seu pensamento sobre objetos físicos, como mesas, árvores, etc., assinalando que o corpo do observador é uma referência diante do fenômeno, um “ponto-zero de orientação” (apud CERBONE, 2012) ao objeto de estudo - compreendendo os sentidos do próprio corpo como um “corpo-vivido”, aonde atuam simultaneamente a audição, o tato e o olfato, enfim, os órgãos sensório-perceptivos deste corpo. Esses sentidos contribuem para situar-me em determinado espaço, fornecendo-me informações sobre esse objeto, a saber, suas dimensões, suas relações, enfim aquilo que ele me apresenta em sua superfície e, evidentemente, dentro da perspectiva a qual se encontra o meu corpo. É através desse corpo-vivido o qual Husserl se baseia aonde encontra-se o “campo de localizações de sensações” (apud CERBONE, 2012) o qual se revela não apenas como condutor de sensações do meu corpo, no sentido de ser uma experiência menor diante do objeto, mas “o lugar em e sobre o qual essas sensações ocorrem” (CERBONE, 2012).

Diante desta e de outras concepções do pensamento husserliano quanto ao papel do corpo diante do fenômeno, Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) decide constituir a sua percepção sobre a importância deste quanto a sua relevância diante das sensações vividas, ou seja, a esse “redespertar” da sensibilidade, a qual se encontra latente em nos, porém não de forma imperativa ou objetiva. Esse “redespertar” ou “retorno” sugere uma reflexão anterior ao observador, pois considera que exista algo primordial que me leve a essa essência do fenômeno e, paradoxalmente, também se revela invisível na medida em que se torna impossível compreender o fenômeno por todos os seus ângulos. Porém, Merleau-Ponty propõe que mesmo esses pontos invisíveis e ou inacessíveis também fazem parte da reflexão fenomenológica e podem ser consideradas como pontos positivos dentro da minha observação e distante de um caráter especular, ao passo que *aquilo o qual ainda se torna oculto a minha experiência também faz parte da própria experiência*. Como ele mesmo destaca, “minha reflexão é reflexão sobre um irrefletido, ela não pode ignorar-se a si mesma como acontecimento, logo ela se manifesta como uma verdadeira criação, como uma mudança de estrutura da consciência, e cabe-lhe reconhecer para aquém de suas próprias operações, o mundo que é dado ao sujeito, porque o sujeito é dado a si mesmo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.5).

Uma vez considerada essa subjetividade do fenômeno, possibilito à experiência conceber o mundo vivido não apenas como algo o qual exista somente dentro daquilo que se apresenta como Verdade (no sentido de uma estrutura física impossível de ser refletida quanto ao que entendo ou mesmo sinto ao que esta me dispõem) mas, ao aceitar o exercício reflexivo sobre o fenômeno, construo outras percepções sobre o que os meus sentidos revelam, sobretudo quanto as *interações* dos elementos dispostos a minha observação. Essas interações, e aí outro ponto de convergência entre a proposta fenomenológica de Husserl e Merleau-Ponty, iram fornecer ao fenômeno a sua singularidade e a sua respectiva indissociabilidade diante do corpo do observador, o qual se torna receptivo a presença deste sem, no entanto, tornar-se uma simbiose entre observador e fenômeno, nem tão pouco uma forma a perder-se de vista diante dessa singular experiência adjacente a outras que compõem o ser-no-mundo.

Visto isso, a fenomenologia de Merleau-Ponty preocupa-se em uma relação de sensibilidade e de aprendizado diante do fenômeno, o qual está em constante transformação diante do que observo e relaciono ao mundo em que vivo e que, empiricamente, encontra-se como *possibilidade e acesso*.

O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável. “Há um mundo”, ou, antes, “há o mundo”; dessa tese constante de minha vida não posso nunca inteiramente dar razão. Essa facticidade do mundo é o que faz a *Weltlichkeit der welt* (“materialidade do mundo”), o que faz com que o mundo seja mundo, assim como a facticidade do *Cogito* não é ele uma imperfeição, mas, ao contrário, aquilo que me torna certo de minha existência. O mundo eidético é o de um positivismo fenomenológico que funda o possível no real. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.14)

Essa capacidade de se criar possibilidades em relação ao mundo, ou melhor, ao que posso criar em relação aquilo que presencio revela não apenas o que tenho em minha dimensão e compreensão quanto ao mundo em que vivo, o qual também se traduz em *liberdade e presença*, mas também me leva em relação a este Outro o qual ainda está a ser descoberto por mim. Posso visualizar seu corpo, entender suas medidas e seu olhar ou mesmo um gesto o qual estão ali no mesmo espaço que o meu e, sem termos trocado uma única palavra, é somente após o reconhecimento do verbo que realmente haverá uma comunicação mútua e um reconhecimento de que há realmente alguém neste mesmo espaço. Logo, por mais que eu deseje entender o mundo somente por minhas sensações, existe um componente social entre o *eu* e o *mundo vivido*, o qual se insere diretamente na minha relação com os sujeitos ainda não revelados e os objetos que estão dispostos a minha volta.

Um movimento é aprendido quando nosso corpo o compreendeu, quer dizer, quando o incorporou a seu “mundo”, e movermos nosso corpo é nos dirigirmos a coisas por meio dele; é deixá-lo responder ao chamado delas, que se exerce sobre ele sem representação alguma. A motricidade, portanto, não é como uma criada da consciência, que transporta o corpo ao ponto no espaço do qual formamos, de antemão, uma representação (MERLEAU-PONTY, 2011, p.149).

Trazer a consciência ao corpo possibilita adquirir recursos para um tempo presente, o qual possa responder a estímulos menos cognitivos e mais corporais, ou seja, me possibilita habitar o mundo ao qual estou inserido e interagir com o que está disposto a mim, incluindo aí o Outro e os objetos. Logo, adquirir conhecimento sobre o meu estado de consciência não se refere meramente em obter um domínio sobre o saber, puro e simplesmente, pois tal processo necessita do corpo para tornar-se crível a mim e aos sujeitos que compartilham o meio o qual estou inserido. A relação sinestésica a qual compartilho com o meu corpo ultrapassa o sentido motor do movimento, pois nele também se encontram sentidos, sentimentos, sensibilidades e ideologias, enfim, um arranjo subjetivo que me compõem como ser-no-mundo e, mais do que isso, como um ser o qual se insere em um meio, atuando em consonância com o Outro.

## 2.2 - Encontros sobre o abismo: quando a Educação Física encontra a fenomenologia

A fenomenologia, de forma geral, não se restringe a um único corpo, no sentido de se fixar em único objeto de estudo. Como visto anteriormente, a perspectiva de Husserl se coloca muito mais como uma implicação direta e crítica ao fazer científico da primeira metade do século XX quando propõem um *retorno as coisas*. Posteriormente, Merleau-Ponty aprofunda os estudos de Husserl ao colocar o corpo como referência primeira em relação ao mundo da experiência aonde, evidentemente, não é um corpo desprovido de saber mas um corpo que adquire consciência sobre o seu meio e, simultaneamente, adquire consciência de si, torna-se saber, sendo este algo inerente ao ser humano - mesmo sem estarmos receptivos a experiência do momento, sobretudo quanto às diversas manifestações do corpo em sociedade e as formas que este se coloca como ser-no-mundo. Ora, se posso tomar como experiência aquilo que o fenômeno me oferece, permitindo assim meu corpo compreender a manifestação desse, a Educação Física pode se inserir, dentre as suas diversas manifestações corporais, como um campo de suspensão e de reflexão enquanto cultura do movimento e identidade - a qual instiga constantes debates sobre o que fora no passado, realiza-se no presente e pretende-se como futuro.

Acerca dessas reflexões, existem ao menos três autores que trabalham sobre esta perspectiva fenomenológica relacionada a Educação Física: Silvino Santin (1987), Elenor Kunz (1994) e Manuel Sérgio (1994).

Silvino Santin traz uma visão mais teórica sobre o movimento, tecendo críticas quanto ao papel extremamente performático da Educação Física e o quanto isso se torna lesivo quando se visa à constituição do indivíduo para uma sociedade a qual ainda está em desenvolvimento. Sua discussão no livro *Educação Física - uma abordagem filosófica da corporeidade*, de 1987, revela a fragmentação da Educação Física quando esta aborda tão somente os movimentos amplos, ou seja, aqueles que estão intrinsecamente presentes nos esportes, os quais se distanciam dos significados mais antropológicos do ser humano. “A vida é um movimento constante. É o movimento da vida que deve tornar-se o centro da educação física. Reduzir o movimento do homem aos exercícios físicos é reduzi-lo à extrema pobreza, à miséria. Neste espaço, penso eu, é urgente que a educação física passe a investir seus maiores esforços” (SANTIN, 1987, p. 63).

Ao retomar o sentido do “movimento vida”, Santin provoca a Educação Física para que esta reencontre a sua sensibilidade através do movimento mais internalizado, sutil, o qual compreenda o ser humano de forma mais íntegra, ao passo que “recuperar a sensibilidade seria, talvez, um esforço necessário que a Educação Física precisa encampar. É preciso aprender a escutar-se, ouvir a fala da corporeidade, atender aos sinais do sentir” (SANTIN, 1987, p.86). Como forma de apreender essa sensibilidade perdida, Santin propõem que o lúdico seria uma estratégia prática e pedagógica para se reaprender a sentir, a estar consigo e com o outro, pois ele, o lúdico, acontece no momento presente, sem regras definidas, desprovido de preparação ou de qualquer aparato que necessite intervir de forma mais “burocrática” quanto a presença do ser (SANTIN, 1987).

Partindo do prisma crítico-emancipatório, Elenor Kunz acredita que a perspectiva da Educação Física deva partir como uma forma prático-teórica, contudo sem perder o caráter reflexivo das suas ações diante do discurso escolar, afirmando que o desenvolvimento de habilidades, sejam elas voltadas ou não para o desporto, devam ser consideradas e reconsideradas de acordo com as possibilidades e necessidades.

Isso implica que no ensino, além do *trabalho* produtivo de treinar habilidades técnicas - que nunca deixa de ser importantes - devem ser considerados dois outros aspectos que, em muitas instâncias, são mais importantes. Trata-se da *interação social* que acontece em todo processo coletivo de ensinar e aprender, mas que deve ser tematizada enquanto objetivo educacional que valoriza o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativa e participativa. E quando este processo se

desenvolve sob orientação de uma didática comunicativa, o outro aspecto importante a ser considerado é a própria *linguagem*. Na Educação Física a tematização da linguagem, enquanto categoria de ensino, ganha importância maior, pois não só a linguagem verbal ganha expressão, mas todo o “ser corporal” do sujeito se torna linguagem, a linguagem do “se-movimentar” enquanto diálogo com o mundo. (KUNZ, 1994, p. 37)

Captar o movimento, em especial no cenário escolar, para dele constituir um corpo o qual não seja influenciado pelos padrões estéticos, os quais se distanciam da realidade social do indivíduo da comunidade escolar, o qual a Educação Física se coloca, pelo autor, como sendo basicamente voltada para uma mesma compreensão: a do desporto de alto rendimento. A forma mais sensata seria, dentro da sua relação através do “se-movimentar”, um movimento o qual relaciona-se através do “sentido/significado enquanto pré-condição normativa na seleção e na organização dos movimentos pretendidos” (KUNZ, 1994).

Concomitantemente, Manuel Sérgio escreve em 1994 a obra “Motricidade Humana”, a qual busca integrar a visão fenomenológica de Merleau-Ponty como possibilidade de reparo diante do paradigma emergente e histórico de constituição do ser humano como um algo dissociado de seu corpo, ou melhor, separado entre corpo e mente. Em seu livro, sugere que:

(...) a motricidade humana, sendo um valor a atingir de forma irrenunciável, transforma-se em itinerário obrigatório de todos os valores. É, portanto, um projeto e uma conquista e, como tal, deverá ser também ciência, como ruptura com as evidências do senso comum e a busca pela compreensão e explicação satisfatórias desta realidade, denominada motricidade humana, onde o Homem é *corpo-alma-natureza-sociedade*, porque emerge da corporeidade, porque é verdade da percepção, porque é projecto- porque, sendo *razão inteira* (usando a expressão de Paul Ricoeur em *Le conflit des interprétations: essais d'herméneutiques*), a motricidade é a descoberta de uma verdade bem mais complexa e dizível do que a verdade da *res cogitans* (SÉRGIO, 1994, p. 36-37).

Através destes autores, ainda que colocados neste trabalho de forma breve, entende-se uma preocupação diante da articulação do saber e do que se apresenta como conteúdo empírico e cuidado, percorrendo assim antigos caminhos aonde a Educação Física, atualmente, continua a empenhar um papel importante na busca por uma nova humanidade – a qual compreenda no tempo uma atuação co-relativa à sua práxis.

### **3. De onde eu estou, o que me toca ainda é o Oculto (desenvolvimento e dimensionalidade do corpo)**

#### **3.1 - Da *Physis* ao físico - mutilamentos da vida**

O conhecimento, bem como o nosso olhar sobre determinado fenômeno, nunca está isento de intencionalidade - no que tange um possível *estado neutro do saber*, ainda que em seu princípio formador -, incluindo aí a própria emancipação sobre antigos regimes em determinado tempo. Evidentemente, há uma necessidade não apenas de superação diante de um discurso dominante e, também, de métodos que possam comprovar empiricamente a existência de determinado *fazer mundo* ou mesmo de um *ethos* - validando e justificando assim a sua *existência* como conteúdo e, por que não, um tipo de essência a qual ainda se encontre fora dos cânones científicos (como também políticos e sociais, os quais aqui, nesta monografia, me limitarei por hora apenas para dizer que existem como *matéria*) -, mas também a possibilidade de *sobrepôr-se ao próximo*. Desde os experimentos pré-científicos de Galileu, as reflexões “físicas” de Newton, passando por Descartes - e com este o amadurecimento do pensamento filosófico moderno, definindo também os princípios da ciência que se estabelecem até hoje, a constituição do saber, referente a um valor epistêmico do experimento científico ou ainda as suas possíveis contribuições, revela-se como uma trajetória do próprio corpo humano, ou melhor, da *trajetória de um corpo humano no espaço*, o qual choca-se na reflexão da origem da sua forma (de onde se observa a disputa pelo poder do tempo e da história, ou seja, o que realmente *serve* ao entendimento humano, conduzindo assim nossos hábitos, conceitos e principalmente nossas ações). Não existe um “grande poder”, algo o qual esteja acima do ser humano, mas sim a manifestação desse *entre* os homens, condicionando as ações do indivíduo em sociedade e, não menos importante, regendo a própria forma do conhecimento e da reprodução do conhecimento e, evidentemente, os mecanismos que habilitam o acontecimento deste processo.

Visando a quebra de concepções entre o corpo espiritual, sede d'alma e imaculada pelo sentido do homem, foram as primeiras impressões do médico belga Andreas Vesalius (1514-1564) que melhor puderam expressar, através da representação do corpo humano em desenhos, daquilo que estava *por debaixo da camada vigente* da sua época, proporcionando, assim, através da representação artística, “desligar” a morte do corpo humano, iniciando assim uma nova relação com os entes vivos mediada, agora, pela medicina, aonde o entendimento das “funções” deste *novo corpo* serão “progressivamente assimiladas aos processos físico-químicos...” (GIL, 1997, p. 137-138). Ao desnudar o corpo até então conservado em pureza e intocável, encontra-se, no útero da mulher, um “espaço vazio” o qual agora seria preenchido pelo saber científico, ocupando assim a constituição do corpo humano como um corpo impossível de se manter desocupado, a princípio, por saberes subjetivos ou meramente especulativos, pois a alma seria “um lugar inespecífico dentro do corpo” (GIL, 1997, p. 139).

Com o corpo agora ocupado por um novo entendimento sobre a própria finitude e, do mesmo, a sua formação concreta, bastaria agora deixar-nos aos encargos da ciência revelar ao mundo o quanto somos obsoletos e desprovidos de conhecimento (ou seja, de uma Verdade a qual possa nos libertar dos antigos males do tempo), delegando a lógica científica o *real sentido* de se estar em vida. Se por um lado a ciência tenta avançar de forma a nos colocar em dúvida sobre o que se pode delimitar, seja através do método e dos recursos que nos levam a experiência de determinado fenômeno, a filosofia também vislumbra o entendimento sobre o que está disposto a nossa razão, proporcionando e ou mesmo revelando o que somente especulamos em pensamento - que constitui a essência da lógica que se cria sobre a razão -, mas evidencia-se em *posicionamento*, físico e psíquico, direcionando as nossas Vontades e a construção do saber científico - incluindo-se a pesquisa, o método e as ferramentas que nos levam a constituir o saber.

Não foram poucas as críticas ao longo dos séculos, principalmente por Hegel, o qual acredita que a lógica faz parte da natureza do homem, constituindo dessa forma o saber empírico da ciência Moderna e valendo-se, assim, do mesmo referencial da física moderna. Entretanto, a busca por uma metafísica e a natureza do fenômeno observado revela que pode existir um entendimento maior sobre aquilo que está diante de nos:

A lógica coincide pois com a metafísica, a ciência das coisas apreendidas no pensamento, que passavam por exprimir as essencialidades das coisas. (...) Se considerarmos a Lógica, em consequência do que foi dito até agora, como o sistema das puras determinações-de-pensamento, então aparecerão, ao contrário, as outras ciências filosóficas – a filosofia da natureza e a filosofia do espírito – por assim dizer como uma lógica aplicada, pois a lógica é sua alma vivificante. (HEGEL, 1995, p. 95)

Buscar um entendimento sobre a lógica do pensamento, da continuidade do que podemos afirmar como Verdade situa-nos no mundo ou, como coloca Merleau-Ponty, “âncora” o olhar sobre aquilo que observamos para posteriormente estruturar perspectivas sobre o que o fenômeno empírico nos lança e o que dele podemos absorver de conhecimento, porém não de uma forma naturalista ou mesmo racionalista, a qual leve o indivíduo a uma incessante reflexão sobre tudo o que vê ou mesmo sente, mas sim pela relação “situacional” do corpo com esse espaço e, evidentemente com esta relação que se estabelece devido àquilo que me é dado a ser observado (MERLEAU-PONTY, 2011). Essa perspectiva permite que o corpo e as sensações que o indivíduo recebe do meio constituam uma comunicação entre o tempo que habito (um tempo pelo qual não obedece uma ordem cronológica exata e linear (*chronos*), a qual venha a delegar em seu próprio significante a estrutura do pensamento,

diminuindo assim outros tempos que existem no próprio corpo e, evidentemente, outros ainda que estão na constituição do meio) e o espaço, este também como construção empírica e político-social, revelando-me outras formas de situar-me e de locomover-me.

Considerar a constituição do movimento, e da lógica que se cria a partir dele, acarretam conexões que se antecedem progressivamente, trazendo para o plano empírico um objeto o qual incessantemente, em sua unidade, projeta-se *como algo a ser percebido*, dependente e independente dos fenômenos que o suspendem. Este caráter dual do movimento revela-se sensível à compreensão, atuando de forma simbiótica com o observador e ou seu próprio criador, o qual manifesta-se, *a priori*, pelas suas experiências em vida - as quais tornam-se seu referencial mais seguro diante da compreensão ou mesmo da não-aceitação daquilo que lhe é revelado. Da mesma forma como as figuras descarnadas de Vesálio, a jornada do encontro ao conhecimento ainda não foram reveladas em sua *intimidade*, sendo necessário observar *mais de perto* o seu comportamento e, evidentemente, não tratar este apenas como “coisa feita”, mas sim assimilar o que vem a compor o objeto a ser observado, evitando distanciar-se da composição a qual lhe concebe a singularidade do seu fenômeno. Dado isso, o discurso pelo qual o método fenomenológico se baseia, para Edmund Husserl, deve chegar na “essência” do fenômeno revelado sem, no entanto, subtrair dele as suas relações com o meio (DARTIGUES, 2008), correndo o risco de isolá-lo em um mundo paralelo ao *logos*, retirando-o assim daquilo que ele virá a nos dizer sobre si e a sua relação com os outros movimentos pelos quais ele próprio percorrerá até chegar em sua *constituição final*, a saber, a sua *forma de Verdade* - a qual se apresenta diante do observador-pesquisador.

A consistência dessa visão sobre a forma pode trazer ao observador-pesquisador, bem como ao Educador Físico, elementos que o motivem a desistir da racionalidade imposta pelo objeto, o qual pesaria em constantes impulsos comparativos daquilo que se impõem diante de nos, cessando com a manifestação desse em detrimento da nossa moralidade ou mesmo pela busca de uma Verdade unânime, pois o que está a se revelar diante do olhar, quando pertencente a um desconhecido sentido nosso, tende a refutar magistralmente - valendo assim do escapismo ou relançando o observador ao seu senso comum/normativo - eliminando assim a manifestação do fenômeno. E por que disso? Seria o conflito humano assim deveras contunde a natureza (e aqui o sentido desta natureza comprime-se no discurso do que fora trazido como cultura, experiência e, principalmente, como proposta de existência) para a consciência? Ora, a consciência não atua de forma unânime sobre o corpo, muito menos como um *ente* externo o qual avança sem delimitar seus movimentos distantes do que os sentidos colocam, de modo a acarretar uma disputa de valores e espaço. Se assim o fosse, todas as

Verdades lançadas *a priori* em determinado momento da existência seriam, constantemente, por assim dizer, inscritos traumáticos e impossíveis de serem superados, tal qual a máquina prisional de Kafka no conto *Na colônia penal*<sup>2</sup> reitera nos corpos dos prisioneiros, levando-os a um tipo de êxtase em função da dor que a máquina imprime aos corpos.

Evidentemente, a questão do trauma geraria outro tópico, e certamente não menos importante, o qual sugere também um olhar mais apurado sobre o que ele, como fenômeno, se revela também como *discurso*, ou seja, diz sobre si, construindo entendimento sobre a linguagem a qual apreende como sua - mesmo esta sendo um simulacro da ordem que lhe fora *acordada* em algum momento (tangenciando assim *aquilo o qual resiste a esquecer*), mantendo-se como passado, mas que permanece, pois “nosso verdadeiro presente não se distancia de nós e esconde-se sempre através de *nosso olhar* em lugar de dispor-se diante dele” (MERLEAU-PONTY, 2011) (grifo pessoal). Esconde-se e revela-se despretensiosamente, brinca com o nosso entendimento próprio, porém reaviva-se diante do encontro sem, necessariamente, ser percebido pelo nosso dito entendimento comum. Estamos, por assim dizer, condicionados a determinados estímulos os quais, posteriormente, serão *talhados em nossa carne*, conduzindo o funcionamento do corpo em prol da própria experiência traumática. Merleau-Ponty elucida essa ideia.

A experiência traumática não subsiste a título de representação, no modo da consciência objetiva e como um momento que tem sua data; é-lhe essencial sobreviver como um estilo de ser e em certo grau de generalidade. Eu alieno meu poder perpétuo de me dar “mundos” em benefício de um deles, e por isso mesmo este mundo privilegiado perde sua substância e termina por ser apenas *uma certa angústia* (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 124).

E continua:

Enquanto habito um “mundo físico”, em que “estímulos” constantes e situações típicas se reencontram - e não apenas o mundo histórico em que as situações nunca são comparáveis -, minha vida comporta ritmos que não têm sua *razão* naquilo que escolhi ser, mas sua *condição* no meio banal que me circunda. Assim, em torno de nossa existência pessoal aparece uma margem de existência *quase* impessoal, que

---

<sup>2</sup> Este conto de Franz Kafka (1883-1924) traz a história da visita de um explorador (estrangeiro) em uma colônia penitenciária, onde este é recebido por um oficial que explica-lhe sobre o funcionamento de uma “velha máquina”, a qual fora criada pelo “antigo comandante”, a qual imprime nos corpos dos prisioneiros suas devidas sentenças. Porém, ao longo do processo, o prisioneiro é mantido atado a uma cama enquanto a máquina talha, no corpo do condenado, a sentença a qual o fizera estar ali. Tal marcação dura longas horas, aonde a dor e o prazer se confundem constantemente até que, por fim, o condenado se dá por vencido e padece. Evidentemente, a discussão sobre este conto não se resume em poucas linhas, o que seria demasiadamente piegas diante da densidade do próprio texto. Porém a sua contribuição pode vir a elucidar um pouco daquilo que a ciência moderna ou mesmo o que o processo de dominação de determinados conhecimento buscam imprimir em nossa forma de ser aonde, idealmente, a luz de um novo conhecimento a devir pode propor a desfazer determinados *modus operandi*.

por assim dizer evidente, e à qual eu reporto o zelo de me manter em vida, em torno do mundo humano que cada um de nós se faz, aparece um mundo em geral ao qual é preciso pertencer em primeiro lugar para poder encerrar-se no ambiente particular de um amor ou de uma ambição (MERLEAU-PONTY, 2011, p.124).

Pode-se afirmar que os impulsos físicos ditos inconscientes ou até mesmo sem conhecimento prévio daquele que se permite impulsionar para o meio, deixa de ser meramente algo que emana do corpo como algo “sem sentido” ou desprovido de intenção pois, em seu âmago, não atua de forma independente de seu corpo - das sensações e das experiências adquiridas por meio destas que o colocam em evidência, podendo assim colocar-se como uma “terceira pessoa” em seu discurso (MERLEAU-PONTY, 2011). Estamos, por assim dizer, sempre inteiros em nossas ações, pois estas comportam um movimento ou mesmo um andar o qual pertence, em ato, ao “movimento da existência”, porém sempre refletido pela experiência anterior do indivíduo e possíveis de nos colocarmos em outras perspectivas sempre que possível, buscando novos entendimentos quanto a nossa dimensionalidade, ou seja, o espaço o qual o meu corpo ocupa no mundo.

### 3.2 - A dimensão do rosto como estrutura corporal para o Infinito

A ocupação do olhar compete ao que ele, também, considera como propriamente visível em sua dimensionalidade, localizando perspectivas, expandindo-se, aprofundando-se ou mesmo encerrando-se diante do que considera “o melhor a ser visto”. Diante deste fenômeno, a sensibilidade me desperta em direção ao Outro o que é revelado através de um *rosto*, ou melhor, quando este Outro oferece-se abertamente como o rosto daquilo que ainda desconheço, porém ali permanece expondo a sua *primeira pessoa*, fisicamente dada pela presença de um *ser-a-ser-visto* -, pois o reconhecimento ali em sua “carne”, em suas tensões e intenções. Diante do encontro destes dois corpos compartilho também o seu devir que ali se expressa pelo olhar, pois este Outro ainda se encontra distante de mim. Mas o que ambos os olhares poderiam compartilhar diante deste encontro? Se os corpos que ali ocupam determinado espaço estão de forma a se expressarem pela presença, não posso deduzir *a priori* o que este Outro me apresenta, pois estaria negando ou mesmo reduzindo a experiência humana deste encontro. Ainda que me falte uma imagem total sobre a profundidade desse Outro - ou mesmo imaginar outras singularidades que habitam este Outro, posso ainda construir uma consciência diante deste fenômeno, rompendo assim com os espaços deixados pela racionalização de algo o qual está presente *entre* os corpos.

Essa conscientização que se dá pela manifestação do encontro culmina em uma “consciência perceptiva”, ou seja, não sou mais um ser que se coloca por binômios reflexivos ou mesmo por uma objetivação excessiva sobre os fatos, inclusive por aquele o qual compartilho o mesmo espaço, permitindo-me tomar posse do meu olhar para um mundo que se encontra visível, o qual compreende o olhar do Outro como *rostos* (MERLEAU-PONTY, 2011). Meu corpo está ali recepcionando sua pessoa e seu olhar, ou melhor, o “rastros de uma consciência”, porém através de uma *espécie de reflexão* sobre o fenômeno, fornecendo-me um silencioso conteúdo que atravessa a linguagem dos corpos e que se revela pela presença daquilo que a minha percepção se apodera, resultando em um diálogo sem um interlocutor pré-estabelecido ou que se faça como única resposta diante do que existe entre estes dois corpos o que, evidentemente, me lançara, posteriormente, para o que irá se suceder após o encontro.

A evidência desta presença pelo encontro, gerada pelo fenômeno do olhar retornar-me, evidentemente, como reflexão, tal qual mencionado acima, mas também em movimento e irrestrito a apenas um único momento - tão pouco a sua reverberação e ou manifestação que imprime em meu corpo, visto que, caso fosse somente este fenômeno dado ao livre presente e ao que ambos os corpos manifestam (não havendo assim discordância com o que fora citado anteriormente, porém apenas abrindo uma nova perspectiva, ou melhor, uma intensificação sobre o que atravessa-me como indivíduo), perderia facilmente seu significado. A capacidade de fixação desse fenômeno se faz não somente por aquilo que o olhar perceptivo pode me proporcionar, mas também o quanto este *rostos*, único e sem comparação, me revela analogamente ao corpo.

Para esta primeira impressão, a qual o Outro me coloca diante da sua presença, nada trago comigo para a sua assistência, a não ser o reconhecimento de uma pequena fração do Outro a partir da sua emergência frente ao que me trazes enquanto rostos e corpo. Sua expressão me revela algo que rompe a razão ou, como afirma Emmanuel Levinas, “é a exigência ética do rostos que põe em questão a consciência que o acolhe” (LEVINAS, p.202). Essa “exigência” a qual o rostos nos revela é também, em certa medida, um *correio do corpo* e *discurso interior* do Outro, o qual me expõem um sub-discurso sobre a sua origem e, dentro da lógica do encontro entre o *eu* e o *Outro*, um “acontecimento ético da sociedade” - aonde este me é revelado em sua *infinitude* (LEVINAS, 2008). Respondo a ele, encontro-me com seu corpo e com aquilo que me trazes enquanto emergência, porém compreendo que, sem a presença deste rostos, seria como limitar a minha experiência, pois, ao negar o rostos daquele que se encontra diante de mim seria o mesmo que negar-lhe o direito de falar, de expressar-se

enquanto corpo. A percepção a qual obtenho a partir do meu corpo me fornece recursos próprios, porém existe um discurso que incide sobre o corpo e que me estrutura frente a este, o qual interage por meio deste ser-no-mundo, imerso pelo e através do meu corpo, permitindo-me a abertura ideal para encontrar sua afetividade e seu momento, o qual agora se aproxima de mim.

Para Levinas (2009) há uma necessidade de se reaver a percepção da relação do eu com o Outro através da alteridade e da ética diante deste que se comunica para mim, pois é através da relação que estabeleço com o Outro que ocorre o *aprendizado*. Esse ato de *descobrimto/revelação* acontece através dessa relação, a qual se manifesta em forma de solidariedade e afeto aonde, *a posteriori*, encontrar-se-á disposto ao corpo do próximo.

Aproximando-se perspectivas, o ser humano está para Merleau-Ponty em constante relação com o meio sensível, aonde as nossas experiências corporais e cognitivas (seja por um movimento corporal meu, a fala do outro, o ambiente - seja este familiar ou não ao meu ser) co-atuam com a minha presença, trazendo à prática um significado para além de um processo somente cognitivo e adaptativo (mediante a aplicação de um treinamento físico), pois visa trazer o Outro a um estado perceptivo.

Toda percepção aparece como anônima (...). Pela sensação eu aprendo, à margem de minha vida pessoal e de meus atos próprios, uma vida de consciência dada da qual eles emergem, a vida de meus olhos, de minhas mãos, de meus ouvidos, que são tantos Eus naturais. Toda vez que experimento uma sensação, sinto que ela diz respeito não ao meu ser próprio, aquele o qual sou responsável e do qual me decido, mas a um outro eu que já tomou partido pelo mundo, que já se abriu a alguns de seus aspectos e sincronizou-se a eles. Entre minha sensação e mim há sempre a espessura de um *saber originário* que impede minha existência de ser clara a si mesma. Experimento a sensação como modalidade de uma existência geral, já consagrada a um mundo físico, e que crepita através de mim sem que eu seja seu autor (MERLEAU-PONTY, 2011 p.291).

Seria possível mensurar, então, uma potência no ser-indivíduo-humano, o qual *esta aí* em seu pré-conhecimento sobre si, encontrar-se em *um momento mais próximo*? A marginalização e a hostilidade a qual a existência por vezes nos arrebatam, seus ambientes e adversidades, ao mesmo tempo solidificam ações e visões sobre o que se pode realizar em determinado território, alimentam suspeitas para além da mística filosófica e da complexidade do discurso - ainda que estas constantes fervam um magma do qual acredito ser empiricamente viável para o movimento *intra-humano*. Ao instigar dogmas e conceitos encerrados pode-se discorrer, também, quanto ao que é revelado durante o encontro, e não somente o “conceito sobre”, pois, diante da presença, *abrem-se territórios e singularidades* -

promovendo à experiência algo que lhe desperte sensações, anteriores ou não a própria experiência.

### 3.3- A Atenção Básica de Saúde e o trânsito humano: um convite a percepção

Da forma como se ambienta a condição do encontro, no que se refere ao trânsito constante entre corpos e intencionalidades, algo se esconde e se revela quando referenciamos o sentido do olhar e, principalmente, do espaço o qual estamos familiarizados. A continuidade do processo de saúde começa aonde termina o eu e passa a reorganizar o *ser-para-um-mundo*, material e relativo, pois é a partir da permissão do Outro aonde podemos revelar a sublimação do seu engenho em afeto e criação, culminando assim na dialética do encontro dos seres, divergentes em situação, porém ocupando um mesmo território.

A Atenção Básica de Saúde (ABS) pode ser entendida como uma política pública de saúde a fim de descentralizar os procedimentos de atenção a saúde, proporcionando assim maior abrangência dos serviços de atenção básica a saúde (BRASIL, 2012). Esse processo de descentralização deve ser feito como forma de proporcionar, também, um maior acesso a população aos serviços de saúde, bem como a universalização dos serviços e da vinculação dos usuários a estes. Essa proposta de saúde deve ser feita de forma participativa entre usuários, profissionais de saúde e trabalhadores em formação contribuindo assim para uma educação permanente em saúde (EPS), aonde a construção pedagógica (re)nasça do encontro entre esses atores sociais, culminando em vínculos de afeto e de confiança, o qual concretiza-se em sentido e significado entre usuário e equipe (BRASIL, 2012).

Permeiar o pensamento e as ações em prol do cuidado em saúde remete a construção de ações que possam integrar o usuário aos serviços de assistência, visando a sua singularidade e as suas demandas pessoais quanto ao que pode vir a ser a saúde. Esse processo de inserção do usuário ocorre pela “vinculação de pessoas e/ou famílias e grupos e a profissionais/equipes, com o objetivo de ser referência para o seu cuidado” (BRASIL, 2012). Vincular o usuário começa por aquilo que, evidentemente, traz-lhe a atenção básica de saúde, o qual busca solucionar a sua enfermidade, porém de forma assistida e construtiva, aonde toda a equipe de saúde se coloca a disposição deste. Sendo assim, “o vínculo consiste na construção de relações de afetividade e confiança entre o usuário e o trabalhador da saúde, permitindo o aprofundamento do processo de co-responsabilização pela saúde, construído ao longo do tempo, além de carregar, em si, um potencial terapêutico” (BRASIL, 2012).

O estímulo a participação do usuário deve servir como forma de ampliar a sua capacidade em desenvolver cuidados de saúde em seu território, bem como contribuir para a construção de estratégias visando o desenvolvimento da sua perspectiva, consolidando a sua autonomia e respeitando seu modo de viver e de compreender a vida. Esse processo prático de apropriação voltado ao usuário propicia um novo discurso quanto a sua autonomia, possibilitando, assim, a cooperação usuário-profissional de saúde e articulada dentro dos pontos de atenção das Redes de Atenção a Saúde (RAS). Dessa forma, cabe as RAS coordenar o cuidado da população, bem como elaborando, acompanhando e gerindo projetos terapêuticos, permitindo assim o acesso adequado do usuário aos demais serviços da rede-dentre eles a ABS. Sendo assim, a construção de um projeto terapêutico deve ser “um plano de ação compartilhado composto por um conjunto de intervenções que seguem uma intencionalidade de cuidado integral à pessoa” (BRASIL, 2013), lançando a percepção do profissional de saúde ao cuidado integral do usuário. A singularidade do Projeto Terapêutico se desenvolve entorno do respeito e da integralidade do usuário, bem como do caráter provisório da prática, no sentido desta estar sempre em constante transformação diante de um indivíduo que está em constante descoberta, fomentando assim a sua forma de pensar sobre si próprio, ou seja, a *produção do seu movimento em saúde*.

Quanto a isto, a relevância da inserção do Educador Físico se torna um intermediário deste saber, aonde este se coloca a refletir empiricamente sobre a emergência do usuário enquanto relação ética e conteúdo vivo, pois “pensar o outro na sua diferença é um modo de não objetivá-lo, acolhendo-o na sua realidade sem representações e aberto ao ensinamento, a aprendizagem” (DALLA COSTA, 2012). Ora, no campo da saúde, tratamos de intervir sempre como protagonistas das práticas, da receptividade e do acolhimento a partir do serviço aonde o usuário possa receber os devidos cuidados e, assim, contribuir pela autonomia deste. Entretanto, a prática do Educador Físico, diferentemente de outras terapêuticas do campo da saúde, vincula-se também em sua *dualidade prática*: ainda que a sua premissa seja a de propor continuidade a cultura do movimento e a expressão deste, também compete ao próprio movimento a sua introspecção, aonde a escuta qualificada possa fazer-se presente e adequada a enfermidade do Outro. Ao intervir no momento do usuário, estamos propiciando uma nova relação e percepção para com o seu sofrimento, que se traduz em sua emergência, porém, para a equipe, possa compreender-se enquanto acessibilidade - sensível intervenção àquele que procura acolhimento.

Dessa forma, intervir sensivelmente revela-se, ao usuário, em possibilidades e condicionalidades de seu corpo para além de um entendimento reduzido unicamente ao

campo biomédico, mas sim desprende-se em um corpo capaz de desenhar uma trajetória própria no meio aonde vive e na sociedade a qual se integra; um corpo o qual guarda em sua caminhada histórias as quais se deslocam, ou melhor, dançam entre a grande história (fatos e acontecimentos externos a nos) e a pequena história (que diz respeito a nos mesmos). Sendo assim, mover-se a partir de um projeto terapêutico através do corpo em movimento, possibilita repensar nossos modos de vida, aonde o movimento do usuário se torne *criação*, reinventando-se diante de si e dos seus desejos, onde a sua vontade possa tornar-lhe cada vez mais atuante e autônomo.

#### **4. O corpo-narrador: histórias da carne**

Ao longo de dois anos e meio de trabalho no PET- Saúde foram escritas em torno de 60 páginas narrando minhas experiências como graduando de Educação Física no bairro Nonoai em Porto Alegre. A partir da escrita narrativa, revela-se a construção do pensamento que outrora fora um corpo aonde, através do texto, se condensa um pensamento vivo e sensível, ou seja, coloca-se no mundo empiricamente, porém sem perder sua intensidade do que fora no passado. Essa materialidade do texto em forma de narrativa nos concebe um tempo para além do tempo, pois se relaciona tanto com a linguagem quanto a experiência ou, como coloca Elza Dutra, “considerar a experiência coloca a linguagem num lugar privilegiado dentro da Fenomenologia, pois através da palavra pode-se abordar ou encontrar a experiência, a existência, o ser-aí, o ser-com. A linguagem, trazendo o sentimento à tona, revela também a situação, ou o contexto situacional, já que todos estão relacionados entre si” (DUTRA, 2002).

A busca pela materialidade do pensamento através da narrativa, a qual se faz através do corpo e da experiência adquirida, não se restringe apenas a capacidade perceptiva do indivíduo em discernir a relação de seus sentidos entre o real ou o quimérico, pois aquilo que possa ter sido considerado como invento dos canais sensório-perceptivos são, também, canais por aonde se estabelece a sensibilidade, fundando novas compreensões sobre si e revelando, em seu percurso pequenos subtextos que, agora, tornam-se expostos pelo crivo da reflexão. Sua reprodutibilidade tão logo (re)nasce através do experimento daquilo que se concebe dos significados *através* da escrita, ou seja, da apreensão dessa marginalidade a qual o texto permite em sua aposta para, quiçá um dia, ser revelado para outros indivíduos.

*Existe uma visão assistencialista no posto, maternal, construído pela “esperança” e aproximações - por valores nobres, porém desorganizados.*

*O dia especial torna-se quase que o “dia da bagunça” e da afirmação.  
dia 09/11/2012*

*Primeiro dia do grupo de caminhada. Chego no posto mais cedo e, para a minha surpresa, o cartaz o qual eu havia feito fora descartado e, em seu lugar, um “novo”. Uma cultura fora colocada no lugar da outra. Os “benefícios da saúde” devem ser prioridade, acima do encontro e da alegria de se estar. A espontaneidade fora descartada... Em função da uma imagem, de uma estética!*

*dia 14/11/2012*

*O cartaz, o novo cartaz feito em parceria com as meninas da enfermagem foi “extraviado”. Um tipo de silêncio impera no posto. Um cansaço? Talvez uma tensão difícil de entender. Talvez elas estejam (as trabalhadoras do posto) mais secas do que de costume.*

*Talvez seja o tempo. Talvez seja o vento.*

O primeiro contato nasce, aqui, pelo atrito cultural - de movimentos e forças que entram em conflito, rodeados pela demanda do *fazer saúde*; das sobreposições, da renúncia e dos esquecimentos quanto ao que se pode e ao que se deve integrar aos sentidos práticos em equipe ou mesmo por uma comunidade. Esses aparentes opostos se colocam como incógnitas, porém ocultam-se diante do trabalhador de saúde. Os momentos provenientes do encontro se constituem também pelos seus opostos e pelas suas referências aonde, dialeticamente e posteriormente ao conflito, armazenam um novo conteúdo para a construção do saber. De certa forma, a dúvida gerada pelo encontro e a dialética ali constituída, se tornam um apelo por um começo que ainda necessita ser acolhido de forma prática, ou seja, age diante das ações dos indivíduos, do *vir-a-ser* no espaço de saúde.

Neste caso, o conflito gerado pelo cartaz emerge não apenas por uma questão cultural ou mesmo de sobreposições de pensamentos, mas sim parte de uma fixação do objeto através do reconhecimento no e pelo *tempo* e da atribuição subjetiva do sentido que este interfere significativamente como existência e personalidade.

A percepção existe sempre no modo do “Se”. Ela não é um ato pessoal pelo qual eu mesmo daria um sentido novo à minha vida. Aquele que, na exploração sensorial, atribui um passado ao presente e o orienta para um futuro. Não sou eu enquanto sujeito autônomo, sou eu enquanto tenho um corpo e enquanto sei “olhar”. Antes de não ter uma história verdadeira, a percepção atesta e renova em nós uma “pré-história”. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 322)

E continua: “Não existe objeto ligado sem ligação e sem sujeito, nenhuma unidade sem unificação, mas toda a síntese é simultaneamente distendida e refeita pelo tempo que, em um único movimento, a põe em questão e a confirma porque ele produz um novo presente que retém o passado.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 323). Essa construção contínua do olhar, do seu passado e do seu presente orienta-se no momento em que o objeto é disposto ao meio e, pelo crivo do olhar, torna-se ou não presente para o observador. Diante do espaço, visualizo todas as imagens, aproximo-me dos objetos, integro meus sentidos para aquilo que se

encontra mais em meu foco, inclusive o que está desfocado. Ora, mas a imagem não se constrói independente do observador, ela é a constituição deste, ou seja, integra-se a percepção do observador quando este percebe a sua proximidade e a relação com o que lhe arrebatava como ser.

*dia 19/12/2012*

*O trabalho com as meninas (as senhoras do grupo de caminhada) foi incrível. Elas conseguiram comunicar um universo de sentimentos muito íntimo e sem dizer uma palavra. Em seguida, sem pestanejar, realizamos o processo de auto-massagem.*

*A maturidade delas, o processo pessoal de cada uma manifesta-se na poesia, sim, algo é declamado, sussurrado entre o grupo. Entrega, confiança... Sensibilidade.*

*Zezé sente dor no ciático, porém suas pernas estão mais fortes. As meninas apresentam um novo vigor.*

*No posto, a tragédia fora instaurada em decorrência da morte de uma criança. Desprende-se do céu, não, elevou seu corpo no topo mais alto (caíra do ginásio da escola). E por lá era aqui. Voltaria? Quem? Disseram que o conheciam desde que nasceu. "Arteiro". Pestanejar?*

*dia 02/01/2013*

*Realizamos a caminhada, a auto-massagem, e o trabalho dos ressonadores. Uma das pacientes, enquanto realizava o espreguiçamento, consegue tocar os dedos do pé. Até algumas semanas atrás, era impossível para ela flexionar o tronco até a medida dos quadris.*

*Solidariedade, objetividade, confiança. Está nascendo.*

*dia 04/04/2013*

*Quebra de protocolo. Às vezes o sentido de desadaptar o treino tem sido uma razão a ser revista. Agora existe uma ordem fora da ordem, um cultivo de preciosas pedras na languida marcha dos secretos votos.*

*Bem-vindo o lúdico.*

*dia 09/04/2013*

*Expressão corporal versus crenças: a possibilidade de.*

*Preciso continuar a pensar?*

*dia 06/06/2013*

*Felicidade imensa em ver minhas meninas (alunas idosas) mais magras e com um tônus melhor. O trabalho de limpeza, relaxamento, alinhamento e equilíbrio está provocando algo maior sugerindo a supressão do peso das angústias ou seria criação particular? Seja o que for, a construção do caminho permanece. Questão: aonde está o lúdico? Como inserir o lúdico neste campo? Mais soltura e mais tônus? O seu inverso não seria uma redundância?*

No que se refere à sensação desses momentos, era visível a consciência gradual do Outro através do movimento, evidenciando a importância da continuidade prática e intensificada pelo conhecimento inato deste. A continuidade dos encontros revelava gradualmente as maneiras de ser do Outro, aonde este trazia *a sua melhor forma de ser*, ou seja, sua manifestação pessoal no mundo.

A partir do momento em que há consciência, e para que haja consciência, um objeto intencional, e ela só pode dirigir-se a este objeto enquanto se “irrealiza” e se lança nele, enquanto está inteira nesta referência a... algo, enquanto é um puro ato de significação. Se um ser é consciência, é preciso que ele seja apenas um tecido de intenções. Se ele deixa de se definir pelo ato de significar, ele volta a cair na condição de coisa, a coisa sendo justamente aquilo que não conhece, aqui que repousa em uma ignorância absoluta de si e do mundo, aquilo que por conseguinte não é um “si” verdadeiro, quer dizer, um “para si”, e só tem a individuação espaço-temporal, a existência em si. Portanto, a consciência não comportará o mais e o menos. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 172)

O exercício prático, a qual pudesse encontrar o *humano do ser humano*, nascia do sentido de revelar a sensibilidade através do movimento, bem como do encontro gerado pela caminhada, a qual se manifestava como *possibilidade de se deslocar o tempo* e a percepção de esforço dos usuários. Pensar sobre o exercício de forma integral, e não apenas como um agrupamento de saberes teórico e prático fomentava a urgência dos encontros: até que dia continuaríamos juntos, caminhando, escutando e compartilhando a complexidade do saber? Será que, como Educador Físico, estava realmente contribuindo em prol do verdadeiro encontro entre os indivíduos e, assim, descondicionar o medo de estar de frente ao desconhecido? Timidamente havia, a cada encontro, a manifestação do saber inato do indivíduo, da sua anterioridade, emancipando-se das quimeras atroz, das suas crenças - as quais também se manifestavam, evidenciando assim suas travessias e dúvidas diante do presente.

Cada presente, através de seu horizonte de passado imediato e de futuro próximo, apreende pouco a pouco a *totalidade do tempo possível*; ele supera assim a dispersão dos instantes, está em posição de dar seu sentido definitivo ao nosso próprio passado, e de reintegrar à existência pessoal até mesmo este passado de todos os passados que as estereotípias orgânicas nos fazem adivinhar na origem de nosso ser voluntário. Nessa medida, até mesmo os reflexos têm um sentido, e o estilo de cada indivíduo ainda é visível neles assim como o batimento do coração se faz sentir até na periferia do corpo. Mas justamente este poder pertence a todos os presentes, aos antigos presentes assim como no novo. Mesmo se pretendemos compreender nossos passados melhor do que ele se compreende a si mesmo, ele sempre pode recusar nosso juízo presente e encerrar-se em sua evidência autista. Ele o faz até mesmo necessariamente enquanto eu o penso como um antigo presente. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 125) (grifo pessoal)

Posso encerrar-me em minha perspectiva, sustentar-me durante longos períodos em vida sem apreender os percursos dos estímulos e dos impulsos que pertencem ao meu corpo e, ao passo da escolha, opto por encerrar-me diante das próprias definições que se projetam sobre mim. As escolhas por vezes não se manifestam somente no momento em ato, mas podemos, sempre que possível, explicitar a experiência para que esta sirva como *repertório somático do saber*. O tempo, para o indivíduo, é sempre aquilo que ele pode aprender *naquele*

*momento*, de modo que o próximo momento pode ser algo que me prenda ou mesmo que me projete para um novo movimento.

Cada presente pode pretender fixar nossa vida, é isso que o define como presente. Enquanto ele se faz passar pela totalidade do ser e preenche um instante de consciência, nós nunca nos libertamos dele inteiramente, o tempo nunca se fecha inteiramente com ele, que permanece como ferida por onde nossa força se escoar. Com maior razão, o passado específico que é nosso corpo só pode ser reapreendido e assumido por uma vida individual porque ele nunca o transcendeu, porque ela o alimenta secretamente e emprega nisso uma parte de suas forças, porque ele permanece seu presente, como se vê na doença em que os acontecimentos do corpo se tornam acontecimentos da jornada diária. O que nos permite centrar nossa existência é também o que nos impede de centrá-la absolutamente, e o anonimato de nosso corpo é inseparavelmente liberdade e servidão. Assim, para nos resumir, a ambiguidade do ser no mundo se traduz pela ambiguidade do corpo, e esta se compreende por aquela do tempo. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 126)

Da razão pessoal que se encontra no entendimento da motricidade aos paradoxos que regem e instigam aquilo o qual ainda se manifesta como anonimato, relevando apenas o que me é permitido a perceber diante deste encontro - o qual também se faz compreender o sentido particular do tempo, bem como refletir os esquemas corporais do Outro. Pensando nisso, sentia que o lúdico poderia ser utilizado como forma de “subverter” as lógicas formais das práticas corporais, pois “o lúdico e a ludicidade não se submetem ao controle das lógicas racionais. O corpo lúdico não será reduzido a um produto dos artifícios de um sujeito cognoscente” (SANTIN, 2001, p. 114). O escape a partir do lúdico, no que se refere a criação de sentido, era constantemente recriado pois, tendo em vista as questões pessoais dos integrantes do grupo, criava-se uma necessidade de se permitir que os indivíduos pudessem dizer mais sobre si, porém com elementos mínimos para que pudessem realizar as suas próprias escolhas.

Aonde mais eu poderia buscar esse lúdico, essa expressão de vida? Decido me movimentar em direção as crianças, pois suspeitava que elas ainda realizassem seus movimentos corporais sem pensar sobre as condições e as preocupações adultas. Tendo em vista que as escolas da rede pública se encerram em seus portões institucionais, realizo então uma incursão ao SASE (Serviço de Assistência Sócio-Educacional) Santa Anita, o qual atendia crianças em situação de vulnerabilidade social. De acordo com o caderno de Aspectos Conceituais da Vulnerabilidade Social (BRASIL, 2007), o conceito de vulnerabilidade social está associado “a vulnerabilidade de um indivíduo, família ou grupos sociais refere-se à maior ou menor capacidade de controlar as forças que afetam seu bem-estar, ou seja, a posse ou controle de ativos que constituem os recursos requeridos para o aproveitamento das

oportunidades propiciadas pelo Estado, mercado ou sociedade” (BRASIL, 2007, apud Katzman, 1999; 2001). O que realmente iria encontrar por lá?

Em um dos encontros, após a minha prática com as crianças, me deparei atravessado por questões pelas quais considerava, ali, com pouca capacidade de controlar e sem qualquer recurso para contradizer as mensagens ali dispostas.

*dia: 25.06.13*

*Diverti as crianças? Elas riram se divertiram pularam muito. Após, vieram os atores “Amiguinhos de Cristo” (um grupo de teatro que visitou o SASE), contando seus símbolos aos outros, ratificando o preconceito e apostando na carapuça de que todos somos iguais e a ladainha toda. Esses falsos profetas propagaram e fortificaram o câncer social o qual essas crianças vivenciam diariamente, transformando os tipos e dando “carinho e esperança” a elas, levando o povo a entender e a se sensibilizar com as perdidas ações da pequena trupe (de atores). É isso o que fazem. O maior dos crimes não está na falta de comida ou de moradia, mas sim (na falta) de conhecimento. Em breve, o touro arrebeará a porta.*

De onde nasce o imperativo frente ao significado? O tensionamento gerado pelo momento se estendia por justamente perceber, particularmente, como problematização frente a realidade ali exposta; as informações codificadas dos atores; suas intencionalidades que, percebendo o estranhamento, considerava suas atitudes como uma estrutura figurativa a qual se valia de imperativos sociais para moldar ou mesmo conduzir a vulnerabilidade das crianças. Ora, a arte abre possibilidades, através da representação, de transmitir signos e codificações por meio de uma estética a qual se realiza catarticamente sobre o público, de modo a fazer-lhe revelar questões ocultas ou afirmar suas condições no mundo, seja através do corpo, da fala e dos objetos que, no palco, comunicam-se como um todo para o público presente.

Quer se trate de perceber palavras ou, mais geralmente, objetos, “há uma certa atitude corporal, um modo específico de tensão dinâmica que é necessária para estruturar a imagem; o homem enquanto totalidade dinâmica deve enformar-se a si mesmo para traçar uma figura em seu campo visual enquanto parte do organismo psicofísico”. Em suma, meu corpo não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto *sensível* a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ele as acolhe. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 317)

Mais uma vez, a percepção a qual o corpo nos revela diante da sua complexidade e da sua sensibilidade por entre os objetos parece esclarecer questões sobre o que esse, como ser-no-mundo, nos revela - sendo ele exatamente essa *sensível complexidade* diante do fenômeno.

dia 27.06.13

*Serração. Acho que eu me tornei um inútil aqui. Tanto faz se eu venho ou não. Esse recesso derruba as forças, porém é uma boa hora para se rever e escrever um plano, salvo o pessimismo do entorno e da minha postura - as quais alimento em meio ao silêncio.*

dia 16.10.13

*Uma senhora bonachona, de asas quebradas e de visível hemorragia, recebe seus remédios. Convido-a para participar do grupo de caminhada; converso sobre a proposta de se estar em grupo. Em poucos milésimos de segundo, ela floresce em lágrimas, revelando seu tormento: a dor da filha psicótica. Tivemos uma breve troca (um abraço) e disse para mantermos contato; falei para que pudesse buscar um tempo para si. Ela chorou (ainda mais), disse que entendia a importância de ter um momento para se recompor.*

*Será que (ela) virá depois da chuva?*

dia 11.12.13

*Hoje o trabalho foi feito com a Dona Belô e o Seu Mundinho, viajante solitário da vila. Trabalhamos o espreguiçar e o canto, aonde descubro que Dona Belô, em seu culto, costuma trabalhar algum tipo de cântico.*

A descoberta é sempre uma constante, algo que se manifesta sem ser acordado logo em seu primeiro ruído, porém perdura durante a experiência da carne e fornece ao educador/observador uma materialidade a qual perdura pela prática - incorpora-se ao movimento, inaugura o momento da sua história. Ao escutar o Outro, percebo também a sua demanda - a presença deste enquanto expressão já me instiga -, orientando assim a possibilidade de uma prática corporal ou mesmo quanto à escuta qualifica diante dessa demanda. Tal qualidade ou mesmo “maneira de ser no mundo” do Outro, propõem certa “comunhão” (MERLEAU-PONTY, 2011) diante do fenômeno, proporcionando uma aproximação ainda mais solidária e atenciosa do educador/observador ao indivíduo que ali se manifesta. Reconheço este que está comigo, ofereço-lhe meu abraço e meu afago e, após, o anonimato do contato entre o eu e o Outro. Essa sensação de anonimato, fruto dessa comunhão, torna-se explícita quando a percepção se manifesta por um sensível que está em um plano anterior à própria consciência. “1º. Toda percepção acontece em uma atmosfera de generalidade e se dá a nós como anônima.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 290).

E continua:

Pela sensação, eu apreendo, à margem de minha vida pessoal e de meus atos próprios, uma vida de consciência dada da qual eles emergem, a vida de meus olhos, de minhas mãos, de meus ouvidos, que são tantos Eus naturais. Toda vez que experimento uma sensação, sinto que ela diz respeito não ao meu ser próprio, aquele do qual sou responsável e do qual decido, mas a um outro eu que já tomou partido

pelo mundo, que já se abriu a alguns de seus aspectos e sincronizou-se a eles. Entre minha sensação e mim há sempre a espessura de um *saber originário* que impede minha experiência de ser clara para si mesma. Experimento a sensação como modalidade de uma existência geral, já consagrada a um mundo físico, e que crepita através de mim sem que eu seja seu autor. 2º. A sensação só pode ser anônima porque é parcial. Aquele que vê e aquele que toca não sou exatamente eu mesmo, porque o mundo visível e o mundo tangível não são o mundo por inteiro. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 291-292)

Pode-se afirmar, a partir desses enxertos de textos, que a sensação existe para o indivíduo, ou seja, o abraço da senhora, os cantos de Dona Belô e de Seu Mundinho se materializam no mundo, porém somam-se a minha experiência e ao repertório de sentidos que posso, neste momento, quantificar como estado físico do mundo experiencial, porém é seu caráter anônimo o qual se materializou de forma mais consistente. A manifestação do fenômeno me coloca, tal qual o abraço, aberto e vulnerável ao que o espaço (considerando este como *um meio para os meus sentidos* e, evidentemente, para os sentidos e as referências do Outro) pode me dispor como a densidade deste afeto, o qual agora compreendo e *somatizo* ao meu corpo. Ao reconhecer a sua textura, a relação desta percepção eminentemente física, tenho agora noção da própria compreensão daquilo que esta ou esteve diante de mim (MERLEAU-PONTY, 2011).

*dia 10.03.14*

*Enfim, de volta ao posto. O que me percorre? As informações obtidas nas últimas semanas revelaram-se pertinentes quanto ao paradigma posto-comunidade. Tenho me debruçado na busca por investimento emocional e humano para a construção do espaço eco-social no vazio deixado pelo antigo galpão. Utopia? Perda de tempo? Fuga? Conflito? Alienação? Como negar essa coisa dentro de mim, do bem maior?*

*Fazer. Dedicar-me a escrita, ao tempo desta crise.*

*dia 02.04.14*

*Aqui ou lá? A escrita se cansa, consome energia. Dessa vez, relato apenas o andamento do processo o qual me disponho. É um caminho o qual, após longos semestres, senti-me disperso, inquieto e espiritualmente motivado para religar algo que, no meu pouco entendimento, gerava afetos e reflexões. Hoje, muito mais do que ontem, percebo-me com uma proposta de trabalho condizente com as coisas em minha volta. Esse coerência deverá em breve, acredito, transcender para a Grande Comunidade, revertendo a criação em afetos concretos.*

*Um parêntese: é foda trabalhar sem receber.*

*Com o tempo, a existência mostra desenhos curiosos diante do olhar.*

*O silêncio produz um sentido audível.*

*dia 11.04.14*

*Escolhas a serem feitas. Coisa essa que, caso transborde, será o encontro de pessoas, de afetos. Ah! Tempo esse que move o calor dos corpos. Em breve,*

*o zéfito tornar-se-á nefasto, ou melhor, fará de si a unidade da queima à sorte alguma do sorriso.*

*É só fumaça. Algo esteve aqui e lá.*

*O caminho de quem foi para longe, disperso no espaço dos sentidos.*

*E na imensidão acinzentada, o invisível faz-se crível aos olhos emprestados; explodir em graça, num sentido próprio de mundo.*

*Algo se foi, Outro que chegou. Prefiro seguir só.*

Inominável o valor do percurso e as suas permutas ao longo do tempo. De fato, a percepção diante do trabalho necessitava de justificava para continuar sendo conteúdo e resistência. Com a proximidade do fim do ano, vinham também as chuvas torrenciais e as angústias da população revelando-se, assim, a partir da crescente construção pelo tempo (do somatório de experiências e das percepções), determinadas urgências quando a situação iminente de desamparo destes - incrementado a solidão do trabalho como Educador Físico. Porém, percebia a constituição de um movimento através da escrita, algo o qual ainda me parecia marginal diante do ritmo institucionalizado da ESF e do silêncio das ruas, possibilitando assim uma forma de *ampliar* o corpo, tanto em intenção quanto em documento. Ao me deparar com a ausência, decido por aceitar esse fenômeno não somente como expressão pessoal, mas também como a constituição de um *corpo-escrita*, o qual pudesse subverter a ausência em ação para além de uma atividade corporal.

O conflito entre o ter e o não ter, a desolação -, sensação constante no território - e a revelação do que poderia se estruturar como trabalho, instigava a um último Desejo por algo o qual, talvez, ainda se ocultasse por entre becos e vielas – uma resposta a qual eu ainda não fosse capaz de perceber, porém manifestava-se constantemente em cada passo.

Retomar os sentidos. Por em prática aquilo que o corpo-narrador, e o discurso o qual este carrega consigo, pode propor enquanto a construção do acolhimento ao Outro. Porém, quando acolho este Outro, revelo não apenas a sua emergência do acolhimento enquanto fenômeno, mas, “exponho a interrogação de Outrem e essa urgência da resposta” (LEVINAS, 2008, p. 172-173). Perceber a urgência de Outrem é adquirir um *estado de atenção* quanto ao que me é colocado e impossível de ser negado, pois “gera-me a responsabilidade”, ou seja, torno-me responsável pela realidade, co-participo deste momento.

Estar atento significa um acréscimo de consciência que supõem o apelo do Outro. Estar atento é reconhecer o domínio do Outro, receber a sua ordem ou, mais exatamente, receber dele a ordem de mandar. A minha existência, como “coisa em si”, começa com a presença em mim da idéia do Infinito, quando me procuro na minha realidade última. Mas tal relação consiste já em servir Outrem. (LEVINAS, 2008, p. 173).

Por mais que os sentidos se fizessem dispersos entre os acontecimentos compreendidos no bairro, o ideal de *servir* mantinha-se como proposta, porém por onde começar? O território deveria ser mais uma vez mapeado, porém sobre qual *olhar*? As respostas quanto ao espaço, aos desejos da população e aquilo que eu levemente desejava poderiam trazer uma *orientação do sentido* enquanto doação e acolhimento?

16.04.14

*Denominadores comuns; tempo e espaço; aceitação - a política fora feita. Evidente que as soluções estão em algum lugar, dispersas ou até arrolhadas em algum canto escuro da existência. Se assim for, e da forma que deve ser, um tipo de ser (até então inteligível aos olhos) virá ao mundo*

*e com ele a libertação dos sonhos, todos eles*

*E Ele, aquele que renunciou o paraíso poderá, quiçá noutro dia, o do primeiro raio a iluminar as trevas que sufocam o coração.*

*Quando que a noite impera diante do dia? Não, é um que cede ao outro.*

*Avante ao Cabo Tormentoso. A nau está disponível para aquele que aceita o próprio afogamento*

*Ela passou por mim. Sorria. Bafora meu nome. O que isso quis dizer?*

*Lâmina oculta. Foda-se, isso foi. O que vale é o que está por vir.*

*Noutro dia. Everything, I'm nothing. And all.*

*Explosão, luz, explosão.*

*Tem coisa a dizer. Algo a valer.*

*1º O que entregar para o próximo?*

*Acesso*

*Espaço*

*Diálogo*

*Expansão*

*Independência*

Escrever o corpo, transcrever os seus signos por um olhar o qual compreenda as diferentes realidades e devolva, concretamente, algo o qual pudesse se manifestar nas próprias relações, as quais partem deste Outro ao seu acolhimento, respondendo ao seu chamado enquanto o momento perdura em meu corpo, expondo-me a carne e a fragilidade por entre o que me é revelado. Dessa forma, o ato nasce pela necessita *de* uma escrita e que venha a ser escrita do Outro pois, ao reconhecê-lo em sua diferença, assumo a minha responsabilidade a ele próprio. Ele, enquanto Outro, me instiga e me demanda a escutá-lo de forma ampliada, de modo que abra espaços a sua fala.

A presença do rosto que vem além do mundo, mas que me empenha na fraternidade humana, não me esmaga como uma essência numinosa, que faz tremer e se faz temer. Estar em relação dispensando-se dessa relação equivale a falar. Outrem *não aparece* apenas no seu rosto - como um fenômeno sujeito à ação e à dominação de uma liberdade. Infinitamente afastado da própria relação em que entra, apresenta-se aí de chofre como absoluto. O Eu desprende-se da relação, mas no âmbito da relação com um ser absolutamente separado. O rosto em que outrem se volta para mim não se incorpora na representação do rosto. Ouvir a sua miséria que clama justiça não consiste em representar-se uma imagem, mas em colocar-se como responsável, ao mesmo tempo como mais e como menos do que o ser que se apresenta no rosto. Menos, porque o rosto chama às minhas obrigações e me julga. O ser que nele se apresenta vem de uma dimensão de altura, dimensão da transcendência onde pode apresentar-se como estrangeiro, sem se opor a mim, como obstáculo ou inimigo. Mais, porque a minha posição de *eu* consiste em poder responder à miséria essencial de outrem, em encontrar recursos. Outrem que me domina na sua transcendência é também o estrangeiro, a viúva e o órfão, em relação aos quais tenho obrigação (LEVINAS, 2008, p. 211).

Volto-me essencialmente para aquilo que o entendimento da experiência revelou-se na certeza de algo o qual deveria ser entregue, porém condizente com a situação deste que espera e clama. Ao passo que a escrita se molda o movimento, em detrimento da relação deste com o meio -, o qual me leva ao encontro do Outro, mobiliza o corpo-escrita investir uma vez mais quanto ao que pode compreender a realidade e, assim, contribuir quanto a solução da sua emergência. Através do verbo, emerge um breve projeto, ainda que semi-estruturado, aonde sua intenção era tentar providenciar o encontro, possibilitando assim realizar empiricamente aquilo que fora colhido ao longo dos anos como Educador Físico inserido na Atenção Básica de Saúde.

A permanência do encontro:

1) *Construção*

*Centralizar ou descentralizar? Esperar ou deslocar? A caminhada desloca (algo).*

*Como será a educação, os processos pedagógicos em outros lugares no mundo?*

2) *Inventar. Porque? Para que? Isso torna-se parte de quem? A questão da prática corporal está enraizada na promoção da cultura do indivíduo e nos valores, sendo este algo anterior ao corpo. A soma é consequência de seu repertório, da vivência, enfim das relações estabelecidas.*

*Como estabelecer vínculos? A intimidade já é um vínculo. Se fortalecido, extravasa, coloca-se em outro patamar, torna-se ação, ou seja, abre-se para o corpo.*

*A ação é um corpo dilatado, o qual cresce como ordem de si (organização, órgão, sistema).*

*A prática corporal necessita estar intimamente ligada a ação do indivíduo no e para o seu mundo (a construção do saber holístico).*

*Como inspirar o ser? O que rege a sua Vontade?*

3) *O arroio: como dizer ao outro, convencer, trocar, demonstrar que existem outras formas? Torna-se vital entrar neste ser, revelar-lhe coisas, colocar que o mundo é ele.*

*Responsabilizar o indivíduo é muito perigoso.*

*Dar algo para receber algo em troca? Responsabilizar pela troca?*

*Dar e receber. Complexo e puro (puro, porém complexo).*

*Lá e aqui. Distância. Aproximação. Encontro.*

-----> (?) <-----

4) *-o cuidado (descaso) das meninas*

*- qual o número da “população ausente” do bairro?*

*- qual o desejo das associações e UBS? Qual o desejo da comunidade?*

5) *Plano prático (para os trabalhadores da UBS Santa Anita):*

*a) apresentar a importância do trabalho;*

*b) dividir quem pode disponibilizar sua agenda para as práticas;*

*c) negociar uma construção de estratégias para encontrar apoio da escola (a Escola Estadual Piauí, que fica literalmente “em cima” da UBS Santa Anita);*

*d) o que oferecer a escola? Resultado: práticas corporais personalizadas.*

*Eis que a escola não tem a carga horária para as atividades. Qual será o próximo estágio?*

*Plano B: acessar diretamente as crianças, porém com uma proposta pedagógica.*

*A mudança pela educação?*

*- trabalho sócio-pedagógico com as crianças;*

*- grupo de práticas corporais*

- missão: posto: a) soltura e base (equilíbrio e força; pré- tai-chi)
- b) ar (inspirar e expirar)
- c) meditar (postura da árvore)

- como lidar com o diálogo;
- é possível criar uma outra atmosfera?
- para improvisar é necessário sentir o tempo;
- para criar é necessário sentir os impulsos;
- elementos que nasceram do processo (devir).

Os elementos esparsos constituem significados, ocupam espaços aonde o projeto, ou melhor, este *projetar-se para*, buscou instaurar-se como instrumento de cuidado empírico para a população do bairro. Tal construção servia a um tempo, visando um entendimento pessoal sobre as aplicabilidades diante dos fenômenos presenciados; dos percursos, das idas e vindas; dos condicionamentos práticos. Porém, de que forma isto poderia realmente servir a comunidade, de modo que trouxe-se, ao caráter do encontro, uma confluência de saberes comuns para aquele que compartilha do mesmo território? Haveria a possibilidade de um encontro entre as inúmeras singularidades do bairro e, assim, fazer do encontro um momento de partilha e resignificação?

A proposta, ainda que incipiente, visava fundar uma visão, ou mesmo uma orientação pré-determinada pelas experiências adquiridas ao longo do período de ensino no PET-Saúde, buscando nela mesma um espaço o qual pudesse se ocupar, como conteúdo e ação no plano empírico, de modo a atender uma necessidade pela qual se manifestava como *vir-a-ser* em um meio, trazendo fundamento e ação à escrita. A que ponto se deve isso? Ora, como vimos anteriormente, o exercício perceptivo e reflexivo nos remete sempre a uma determinada orientação, aonde o olhar e o corpo se “fundam” para nos questionar e nivelar a percepção dos acontecimentos, buscando incessantemente validar aquilo que a experiência, dentre seus inúmeros momentos, validou como parte integrante do corpo, solucionando *através* do eu à sua Verdade. Não podemos, no entanto, unicamente afirmar que o exercício perceptivo é falho quanto a sua capacidade reflexiva e analítica diante daquilo que lhe é externo, nem tão pouco sintetizar seus “achados” como expoentes menores para a sua composição enquanto corpo e reflexão deste diante do fenômeno. Há, no entanto, níveis pelos quais a percepção consegue balizar como “princípio”, de modo a orientar-se por entre a experiência e o espaço.

Cada um dos níveis nos quais alternadamente vivemos aparece quando lançamos a âncora em algum “ambiente” que se propõem a nós. Esse mesmo ambiente só é espacialmente definido para um nível previamente dado. Assim a série de nossas experiências, até a primeira, transmitem-se uma espacialidade já adquirida. Nossa primeira percepção, por sua vez, só pôde ser espacial referindo-se a uma orientação que a havia precedido. Portanto, é preciso que ela já nos encontre operando em um

mundo. Entretanto, este não pode ser um *certo* mundo, um *certo* espetáculo, já que nós nos situamos na origem de todos. (MERLEAU- PONTY, 2011, p.341- 342 )

E continua:

O primeiro nível espacial não pode encontrar seus pontos de ancoragem em *parte alguma*, já que estes, para serem determinados no espaço, precisariam de um nível anterior ao primeiro nível. E, como todavia ele não pode ser orientado “em si”, é preciso que minha primeira percepção e meu primeiro poder sobre o mundo me apareçam como a execução de um pacto mais antigo concluído entre X e o mundo em geral, que minha história seja a sequência de uma pré-história da qual ela utiliza os resultados adquiridos, minha existência pessoal seja a retomada de uma tradição pré-pessoal. Há portanto um sujeito abaixo de mim, para quem existe um mundo antes que ali eu estivesse, e que marcava lá o meu lugar. Esse espírito cativo é o meu corpo ou natural ao meu corpo, não o corpo momentâneo que é o instrumento de minhas escolhas pessoais e se fixa em tal ou tal mundo, mas o sistema de “funções” anônimas que envolvem qualquer fixação particular em um projeto geral. (MERLEAU- PONTY, 2011, p.342)

Esta apreensão espacial, portanto, revela-se e fixa-se anteriormente ao sujeito, o qual realiza suas aproximações de acordo com as sequências de acontecimentos anteriores a ele, ou seja, a sua pré-história. Se executo uma ação, ainda que ciente do espaço o qual me encontro, e do meio pelo qual busco interagir, ainda assim a “acumulação” de momentos em minha história compõem e ocupam um espaço, buscando desenvolver uma dialética a qual necessariamente não se limita apenas *ao* espaço, *a* interação com este meio. Conseqüentemente, o Outro – o qual habita o meio e é anterior a mim (*detentor da origem* naquele território e dos movimentos pelos quais compõem seu diálogo) distancia-se cada vez mais da possibilidade do encontro não por ser uma simples falta de comunicação ou por ser uma relação a qual demande deveres e sentidos, o que acarretaria em um banimento e repulsa pela intervenção naquele território, mas sim pelas *referências* individuais serem outras. Logo, se a construção desse *movimento para* ser uma ação desassociada dessas referências, as quais possivelmente estão em uma esfera do saber o qual atravessa e rompe com os próprios referências da reflexão, a movimento cessa a sua capacidade afetiva, perde-se como ação e intervenção.

*dia 09.12.14*

*Por onde eu andei? Com a chegada do verão se perdem as brumas, ascendendo um cheiro pouco familiar aos chegados e contando, sem saber, entre números e discursos, as qualidades e defeitos das criações mundanas. Visto os abismos nas mãos de quem um dia se revestiu de correntes posso, agora, dar por encerrada a primeira parte do caminho. O que virá, o porvir, será algo o qual ainda não sinto - ou virá numa óptica desconhecida pelo tempo.*

*Chega de prolixismo. Hora de ir além.*

Acordar a memória: lembrar de coisas feitas, ditas e não ditas; os encontros, a chegada e os dizeres sobre o reconhecimento se encerram. Contudo, a caminhada ainda manifestava-

se como uma constante, não apenas como prática, mas sim em percurso e, assumidamente, aceitando-se enquanto vir-a-ser. As humanidades reveladas no território foram marcadas pelas revelações dos corpos e dos encontros, somando à experiência percepções sobre a potencialidade deste Outro, o qual apresentava-se como emergência e solidariedade. Por mais que a reflexão se direciona-se ao entendimento do Outro em acolhimento, assim como fora mencionado no parágrafo anterior, as circunstâncias pessoais do trabalho (a incapacidade de compreender as outras emergências da população, a pouca experiência no território da saúde pública) impediam uma maior compreensão diante do que me era revelado. O *hodós* firmava-se como *angústia* diante do *met*, direcionando uma necessidade incessante em construir algum conjunto de práticas corporais que pudessem contemplar a comunidade do bairro Nonoai.

A falta de entendimento sobre as outras realidades de um mesmo território, impedia a realização de intervenções mais prósperas, inclusive no que se refere a projetos que pudessem integrar-se ao meio e ao tempo do território - os quais eram audíveis, porém era incapaz de perceber seus sons. Eu, o corpo-estrangeiro, a deambular por entre becos e ruelas não compreendia que, para além das moradias de alvenaria rota, o Outro pudesse estar satisfeito e íntegro com aquilo que conquistou ao longo do tempo naquele território e que isso, enquanto indivíduo é a sua fruição e, talvez, a sua melhor forma de se colocar diante da existência - a qual é impossível de se realizar qualquer paralelo.

## **5. O corpo-escrita: grafia e anterioridade**

### 5.1. Em busca de uma língua comum aos olhos

Constituir a dialética entre o eu e o Outro manifesta-se não apenas naquilo que entendemos como um legível comum e possível de ser dissolvido enquanto exercício empírico, a saber, por uma prática discursiva a qual contemple as diversas individualidades de um mesmo espaço e as interações destes. Logo, o ato de interagir também pode ser visto como um movimento interno das ações e das atitudes entre o que tenho em mim e aquilo que o verbo me impõe - sobretudo como *dever* a este que se encontra diante de mim ou mesmo a compartilhar de um mesmo ambiente. Como visto em outro tópico, é o meu corpo o ser anterior ao espaço, o qual interage com o meio a partir dos momentos acumulados, formando assim conteúdo à experiência. Ao realizar suas escolhas, o corpo também determina suas

equivalências e a orientação a qual irá se utilizar para localizar seus objetos, suas relações, enfim, dar sentido a dimensão e a grandeza daquilo que está disposto a sua percepção.

Diante dessa busca por sentido, as narrativas proporcionam uma dimensão existencial diante do momento vivido, possibilitando um exercício reflexivo ao teor da análise, aonde se descobre o que o inconsciente mantivera ocultado, realizando assim uma busca por elementos que possam realizar novas incursões sobre o passado. Através da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty e Levinas, as narrativas extravasam, assim como propõem Walter Benjamin, o mero sentido informacional e fugidio, pois busca transmitir ou mesmo revelar ao leitor a trajetória de um indivíduo ou mesmo de um povo, aonde o seu movimento, e a intencionalidade deste, convoca a palavra para assim contribuir ao sentido do fenômeno.

A partir da palavra, significados emergiam isoladamente, vociferando algo que pudesse solucionar a sua questão enquanto *grafia*, pois antes de encontrar-se enquanto linguagem havia *um momento do e no corpo*, o qual este buscou providenciar entendimento e concretude sobre aquilo que os fenômenos comunicavam. A palavra, em seu isolamento, oscilava não enquanto a renúncia do momento, mas por uma *busca* a qual somente ela poderia solucionar. O que dizer, então, enquanto a sua busca por significado? Ora, não se pode denunciá-la como imparcial, pois era visível a incessante necessidade de concretude da palavra diante dos acontecimentos no território, aonde a experiência diária alimentava seu conteúdo teórico e o conflito frente à empiria. A sua demanda denunciava um posicionamento, sobretudo a sua condição enquanto texto, mas, também, a denúncia de uma situação a qual era por vezes inviável de se obter respostas exatas a consciência. Dessa forma, a palavra, assim como o corpo, incorporava as respostas vindas do meio exterior para compor o que viria a se tornar a sua *linguagem*, definindo assim o conteúdo dos objetos ao seu redor, ancorando o olhar em um ponto o qual ainda se encontrara *desfocado*.

Redimensionar o olhar, assim como a palavra, requer desconstruir conceitos teóricos e práticos entorno da intenção do que emerge enquanto significado e sentido, fundando não somente novas referências frente ao empírico, mas sim a revelar à consciência outras correlações, bem como seu sentido imanente - pois a palavra enquanto discurso torna-se *liberta* quando esta encontra, com o exterior, algo comum a sua singularidade. Logo, e estrutura da palavra se estabelece não apenas por identificações e sinônimos enquanto resposta a experiência: ela fornece subsídios ao tácito, ampara o corpo em toda a sua angústia diante do fenômeno.

Quando meu corpo encontra a palavra, me deparo com o discurso desta frente ao reconhecimento de seu significado, pois cabe sempre a palavra encontrar, em si, significados

que possam revelar-lhe a sua existência, a qual não cabe em uma única tematização, pois se produz no ser e somente num ser que se exprime (LEVINAS, 2008). A expressão que trazes para o meu discurso compõe, também, a expressão do olhar, relaciona-se com o sentido o qual a palavra se converte enquanto expressão. Dessa forma, “a linguagem é a incessante superação da *Sinnggebung* (*‘dar sentido’*) pela significação” (LEVINAS, 2008). Ao estabelecer a palavra, começo e termino um movimento, desenho uma trajetória expressiva para o fenômeno, significando a sua revelação e a superação do sentido, o qual encontra espaço enquanto linguagem, porém a sua ação ainda é ofuscada: qual a direção do verbo se não a ação, a sua função enquanto movimento? Ora, a ação imprime à consciência uma disposição explícita (atravessamento tátil o qual compreende o meio) aonde nos revela, através da reflexão sobre o fenômeno, *um sentido de movimento*. Ao estabelecer seu engajamento sobre o fenômeno, eis que os significados provenientes da percepção do corpo em movimento trazem a consciência o seu passado, porém não a representação de um passado mas sim "o ato mais secreto e sempre passado pelo qual nós nos demos um mundo" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 377).

Esse mundo está mim, em minha experiência como ato, mas também ela compartilha seus achados com o que lhe é exterior ou mesmo oculto pelo meio, pois “toda percepção supõem um certo passado do sujeito que percebe, e a função abstrata de percepção, enquanto encontro de objetos, implica um ato mais secreto pelo qual elaboramos nosso ambiente” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.378). Nosso movimento no espaço não pode ser simplesmente compreendido como ocupação dinâmica ou estática, relação entre o meio e o Outro que se encontra nele, nem tão pouco ser objeto do racionalismo (o qual impregna o olhar diante de uma lógica científica e “naturalizante” ao movimento). Se nos movemos ou observamos a trajetória de um corpo, é também preciso compreender a sua *origem* e os seus *momentos percorridos* até o presente. Logo, perceber o espaço e o movimento realizado “não é uma classe de ‘estados da consciência’ ou de atos”, pois “suas modalidades exprimem a vida total do sujeito, a energia com a qual ele tende para um futuro através de seu corpo e de seu mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 380). Ora, se estamos diante do fenômeno do movimento, de algo que compõem um sentido móvel, o mesmo pode-se dizer à grafia enquanto manifestação e compreensão frente ao seu ato expressivo, o qual apreende o momento, reflete o estado de um corpo e o captura para recompô-lo em verbo. Diante da escrita, desenho também a minha receptividade, de forma a *dar um corpo* ao indizível ou para aquilo o qual me levava a discorrer em plenitude no plano empírico. Mas ela, a escrita,

também não ocorre no plano empírico, ocupando um espaço e respondendo a uma demanda externa?

Se mover meu lápis em direção ao papel, mobilizo a minha intenção, exponho meus sentidos e afetos para exprimir não apenas o fenômeno da escrita, mas também as minhas percepções frente ao inominável e a dúvida, abrindo caminhos que estão a serem descobertos pela sensibilidade da grafia. Quando me coloco a escrever, crio movimentos e possibilidades ao verbo, ou seja, revigoro a ação do movimento, aonde, posteriormente, será minha matéria e, “se eu tiver tato, minha fala é ao mesmo tempo órgão de ação e de sensibilidade, essa mão tem olhos em sua extremidade” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 51).

A linguagem se compreende enquanto ela mesma, revelando seu Infinito enquanto fala e pensamento, coordenando não apenas aquilo que já fora dito por outros ou mesmo pelo seu interlocutor, mas nos revela um “universo de sentidos”, pois ela se inventa em sua diferença, ou seja, exprime uma “segunda realidade” (MERLEAU-PONTY, 2012, p.73). Essa realidade é o espaço o qual eu tenho para reinventar os significados dos atravessamentos do corpo e das sensações deste, ou seja, da verdade gerada através do encontro entre o eu e o fenômeno. Dá-se aí a significação dos signos, pondo-me diante da forma pela qual direciono a minha possibilidade de comunicação com o Outro ou a negação deste ato comunicativo. Porém a linguagem nasce como uma lógica intra-humana a fim de propiciar o encontro entre o eu e o Outro, retirando-nos o manto do anonimato e dispondo para ambos a expressão, os “vestígios de um outro passado e os germes de um outro futuro” (MERLEAU-PONTY, 2012, p.77).

Escrever é transcender o corpo enquanto corpo-escrita *à margem do saber*, buscando amparo neste universo sensível o qual está imerso e, conseqüentemente, instiga a descoberta de recônditos submersos a minha percepção. Essa descoberta abre-se enquanto presença da existência e irrompe enquanto conteúdo sensível, aonde “ela (a existência) não é em primeiro lugar uma significação para o entendimento, mas uma estrutura acessível a inspeção do corpo, e, se queremos descrever o real tal como ele nos aparece na experiência perceptiva, nós o encontramos carregados de predicados antropológicos” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.429).

Ora, a narrativa se utiliza dos recursos da linguagem para transmitir a história vividamente, como mencionado anteriormente, contemplando assim o momento de um passado o qual se mantém pulsante, superando e ratificando a cronologia do tempo e revelando a *estrutura da linguagem*, garantindo assim a *suspensão do presente*. Por mais que seu Desejo seja o de manter-se a margem, a própria reflexão proveniente da escrita narrativa revela o seu próprio período histórico e os dilemas atuais da grafia e do autor aonde, por fim, nos revela a sua construção enquanto história; seu conteúdo expõe segredos e controvérsias;

vocifera a política de um meio e dos corpos; disseca a fratura e a impossibilidade de reparo histórico. Logo, a composição das narrativas se revela duplamente: ao mesmo tempo em que ela comunica ao leitor o movimento de um corpo, ela também é *posicionamento físico e político sobre o fenômeno*, ou seja, a sua linguagem emerge enquanto organização do tempo.

As escolhas das narrativas, enquanto conjuntos de momentos constituem o percurso do corpo e o seu desenvolvimento na essência da expressão deste enquanto expressividade e solidão - maneira de se comportar diante da dúvida aonde, no íntimo de suas questões, estabelece resistir em seu silêncio, designando o saber e a autonomia sobre, empiricamente, o vir-a-ser deste modo de ser, *somatizando* afetações a fim de consolidar o que venha a ser a sua linguagem - expressão daquilo que lhe é possível na relação entre tempo e meio, o eu e o Outro. Entretanto, essa *somatização* não se refere apenas a uma intrínseca necessidade de correspondência ao seu semelhante: ela se adere ao corpo enquanto existência e “possibilidade de existir”.

O excedente que a linguagem comporta relativamente a todos os trabalhos e obras que manifestam um home mede a distância entre o homem vivo e o homem morto, que é no entanto o único que a história – que aborda objetivamente na sua obra ou na sua herança – reconhece. Entre a subjetividade encerrada na sua interioridade e a subjetividade mal entendida na história, há a assistência da subjetividade que fala (LEVINAS, 2008, p. 177).

## 5.2. Pensamento, Sensibilidade e Alteridade: o *logos* sensitiva enquanto possibilidade de intervenção na Atenção Básica de Saúde

A concepção do corpo-escrita, ou pelo menos ele enquanto manifestação do corpo para Outrem nos é revelado enquanto uma possibilidade de sentido e estruturação de outros sentidos ao corpo, o qual articula e dialoga com o saber a reinvenção constante da experiência enquanto ato, porém não estabeleço somente uma “relação de vínculo” sobre aquilo que o corpo me transparece sobre a égide da *sua* verdade sensitiva, pois o corpo, enquanto ser-no-mundo, está em constante re-orientação para encontrar-se em sua Totalidade, aonde revelar-me ao meio significa entrar vividamente em contato com Outrem – que é o Outro.

Estar em contato com Outrem me revela a sua condição ética e incondicional, evidencia seu momento, pois “ela é, de per si, presença de um rosto e, por conseguinte, apelo e ensinamento, *entrada em relação* comigo – relação ética” (LEVINAS, 2008, p.176). No capítulo anterior fora mencionado a importância do rosto e da humanidade que este me desperta na construção de uma relação mais humanizada, a qual me leve a desenvolver uma

sensibilidade perante a sua condição, que nada mais é do que a existência do Outro enquanto ética e a minha co-responsabilidade diante da sua presença. Se me revelo a este Outro, nada tenho a temer diante do que apresenta, visto que ele me revela em ato a sua condição – que é o *rostro*. Ao exaltar a sua presença nada tenho a dizer, porém manifesto minha solidariedade e bondade enquanto acolhimento desse e, sendo assim, constituo a *grafia do logos*, deste corpo o qual encontra respaldado pela e na *sensibilidade* aonde só e somente (re)existe diante do encontro, desta presença desconhecidamente familiar a mim.

Minha composição só existe, e ela enquanto linguagem, sobre a presença deste Outro, pois, sem ele, meu movimento perde seu significado, perde o nome de ação. No momento em que este Outro se percebe, e principalmente o seu interior ao reconhecer suas histórias e passagens experienciais, permite ao sentido tácito redescobrir a natureza do que lhe toca, lhe afeta aonde, *a posteriori*, conduzirá as suas próprias possibilidades diante do sensível, constituindo *um sensível sentido*, perceptivo, enquanto construção do saber.

Não sou eu que toco, é o meu corpo; quando toco, não penso um diverso, minhas mãos encontram um certo estilo que faz parte de suas possibilidades motoras, e é isso que se quer quando se fala de um campo perceptivo: só posso tocar eficazmente se o fenômeno encontra um eco em mim, se ele concorda com uma certa natureza de minha consciência, se o órgão que vem ao seu encontro está sincronizado com ele. A unidade e a identidade do fenômeno tátil não se realizam por uma síntese de reconhecimento no conceito, elas estão fundadas na unidade e na identidade do corpo enquanto conjunto sinérgico (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 424)

A capacidade do saber do indivíduo pode e deve ser maximizada, porém um saber aonde este possa conduzir seu aprendizado em prol não somente da autonomia corporal e ou mesmo do pensamento, mas sim daquilo que *habita seu corpo*, a sua unidade identitária, ou seja, este campo sensível que pertence ao corpo. Reciprocamente, espaço e indivíduo se interpõem para que o segundo possa desenvolver e ampliar a sua percepção, pois a

(...) percepção total não é feita dessas percepções analíticas, mas ela sempre pode dissolver-se nelas, e meu corpo, que por meu *habitus* assegura minha inserção no mundo humano, justamente só o faz projetando-me primeiramente em um mundo natural que sempre transparece sob o outro, assim como a tela sob o quadro, e lhe dá um ar de fragilidade. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.394)

Ora, a transparência deste meu corpo, de sua fragilidade, revela-se através da reflexão, a qual também é reinvenção deste meu *habitus*, desta minha “inserção no mundo” aonde refletir é permitir-me ao “desembaraçar das coisas”, de modo que eu me pré-disponho a este outro entendimento, o qual agora se integra ao meu repertório de significados.

Refletir não é coincidir com o fluxo desde sua fonte até suas últimas ramificações; é desembaraçar das coisas, das percepções, do mundo e da percepção do mundo, submetendo-os a uma variação sistemática, núcleos inteligíveis que lhe resistem, caminhando de um a outro de tal maneira que a experiência não desminta, mas nos dê apenas seus contornos universais, de sorte que deixa intato, por princípio, o duplo problema da gênese do mundo existente e a gênese da idealização do mundo reflexionante (MERLEAU-PONTY, 2007b, p. 53).

O exercício reflexivo auxilia o corpo a integrar-se com as características desconhecidas do fenômeno, fornecendo entendimentos até então distantes do entendimento pessoal. Disso discorre a compreensão a partir do refletido, a qual pode vir a integrar-lhe de modo a corroborar a dualidade constante deste evento, ou seja, o que trago a minha reflexão é também certo “ocultamento”. Não obstante, o indivíduo revela, também, aquilo que lhe é possível ser revelado *neste* momento, *neste* encontro. Assim, a continuidade do exercício prático, do encontro entre o Educador Físico e o Outro possibilita a articulação deste processo de auto-reconhecimento e de descoberta, fundamentando não somente a gênese de um modo reflexivo, mas também a constituição do movimento diante de uma realidade a qual sempre esteve diante de si, convivendo ao seu lado mas, formalmente, esta nunca fora apresentada por outro olhar.

O efeito do acolhimento por meio do encontro nos convoca a este alcance maior dos sentidos, de modo a incorporar cada vez mais essa apreensão do corpo enquanto unidade, sendo capaz de desenvolver a sua lucidez frente ao que acreditamos e constituímos como *meu mundo, nosso mundo* e, principalmente, *o mundo o qual asseguro ao Outro*.

Uma unidade bio-político-social, a qual possa atuar de forma independente e, simultaneamente, na construção de uma atenção básica de saúde cada vez mais consolidada nos preceitos da equidade e da humanização dos serviços da rede, aonde a participação do indivíduo torna-se, assim, de suma importância no processo de emancipação das suas tormentas, atravessando a compreensão do indivíduo enquanto a sua integridade dentro e fora do espaço terapêutico.

## 6. Prelúdio

Ao longe, a centelha que nos divide entre *o perto* e *o longe* está a cruzar a aparente distância criada pelas circunstâncias do tempo, provocando em todas as coisas presentes não apenas o sentido de uma nova continuação, mas sim a próxima face a ser revelada do momento. Isso talvez possa parecer pouco audível, sobretudo após o raciocínio criado até aqui

aonde, felizmente, dá-se por encerrado para, em seguida, abrir-se ao que ainda carece de respostas - e nem por isso se evanesce como questão. Esta monografia tinha por objetivo fixar e contextualizar uma proposta de escrita, a narrativa, de modo a revelar, ao tempo presente, percursos sensíveis para, em seguida, desvendar a *grafia* do *logos sensitiva* enquanto conteúdo a ser utilizado no desenvolvimento de práticas corporais no âmbito da Atenção Básica de Saúde, escolha a qual nos levou a reencontrarmos fluxos de pensamentos, significados ocultos, gêneses linguísticas sobre as narrativas e a composição temporal da narrativa para, ao término, nos depararmos que todo o sentido deste trabalho está intrinsecamente condicionado ao encontro entre o eu e o Outro - entre esse Infinito o qual se realiza para além do entendimento empírico. Mas será que ele realmente acontece de modo a prometer “reflexão ao irrefletido”?

Em nenhum momento o método fenomenológico promete trazer a lume um completo esclarecimento sobre o objeto de estudo, nem tão pouco imputar a si uma “verdade absoluta” diante dos olhos e do corpo do observador. Assim como já propusera Edmund Husserl, a fenomenologia vem ao encontro “das coisas mesmas”, ao seu entendimento “essencial” do objeto, contemplando este não apenas enquanto estética, mas principalmente as suas relações com o espaço. Para o Educador Físico, esta experiência pode vir a reverberar em seu corpo novas possibilidades perceptivas, ou seja, a presença deste fenômeno pode trazer significados práticos e sensíveis no trabalho em saúde. O sentido da experiência, ainda que se encontre por vezes turva ou mesmo “irrefletida”, ainda assim pode valer-se como estruturação do pensamento, pois o conhecimento não pode se limitar somente ao entendimento cartesiano e binário, objetivando o fenômeno em um universo distante de outras relações que compõem a vida deste e, principalmente, a sua expressão. Logo, designar parâmetros à ciência ou a validade do experimento científico são, evidentemente, imprescindíveis para a manifestação do conhecimento, sobretudo em prol de um saber que nos imbrigue em descobertas que nos façam criar perspectivas intimamente relacionadas ao tempo cronológico (ao *espírito do tempo*) e ao espaço, sendo este último o qual podemos atuar empiricamente, problematizando o conhecimento aonde, em sua essência, disponibiliza-se em substâncias que comportem o Outro, ou seja, *transcenda para o social*.

Dessa forma, se problematizarmos o conhecimento enquanto a sua função social, ou seja, teoricamente extrapolando a sua condição restrita ao círculo científico, estaremos realizando um movimento o qual nos revela algumas incapacidades empíricas do saber para lidar, de forma intervencionista, na emergência de um povo. Não por mera coincidência, Husserl destaca a decadência da ciência moderna em meados do século XX, alertando que o

fazer científico baseava-se, naquele momento, unicamente pelo fazer naturalista e racionalista, comprimindo assim outras possibilidades de manifestação e produção do saber científico (HUSSERL, 2012), obstruindo novos avanços e formas de pensamento diante do período histórico da sua sociedade. Encarar a dúvida, sobretudo o que nos é colocado sobre a tutela do método é sempre uma perigosa caminhada pois, inevitavelmente, hei de fixar meu foco e aproximar-me, distanciar-me, enfim, fazer uso do saber para acessar este lugar o qual o meu Desejo, enquanto vontade, se manifesta para designar *o que deve ou o que posso olhar agora*. Não por acaso, Husserl propõem ao ser humano um olhar mais introspectivo sobre a própria existência a fim de adquirir uma sensibilidade a qual pudesse trazer à realidade o *espírito*, aonde não seria necessário limitarmos as aparências enquanto acesso de si e integrado ao mundo circundante<sup>3</sup>.

Abrir o questionamento diante do método sem precipitar-se enquanto a sua verdade pré-estabelecida, porém valer-se *através* dele durante o percurso da caminhada, conduz ao objetivo final, porém o *como fazer*, o ritmo a ser utilizado e, por fim, as descobertas do percurso são, também, parte da composição. Ora, então qual a serventia do método fenomenológico se ele mesmo, enquanto método, questiona o percurso que ele próprio propõe ao observador?

Enquanto habito um “mundo físico”, em que “estímulos” constantes e situações típicas se reencontram - e não apenas o mundo histórico em que as situações nunca são comparáveis -, minha vida comporta ritmos que não têm sua *razão* naquilo que escolhi ser, mas sua *condição* no meio banal que me circunda. Assim, em torno de nossa existência *quase* impessoal, que é por assim dizer evidente, e à qual eu reporto o zelo de me manter em vida, em torno do mundo humano que cada um de nós se faz, aparece um mundo em geral ao qual é preciso pertencer em primeiro lugar para poder encerrar-se no ambiente particular de um amor ou de uma ambição. (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 125)

Se habito um determinado “mundo físico”, o qual considero como parte integrante do meu experimento, é inevitável a inserção da experiência de vida do Educador/narrador, pois sua análise é fruto de sua existência e do pertencimento deste meio, ou seja, a pesquisa não é mais a análise de uma busca por significantes: é a própria existência a qual está aqui, e em

<sup>3</sup> Husserl propõe afastar-se do movimento científico presente em seu tempo buscando, no exercício reflexivo, a possibilidade de superar o discurso do fazer científico de sua época, pois a ciência havia perdido a dimensão do sujeito e de seu “mundo vital” e da “dimensão ética” deste, considerando assim que “o sujeito transcendental” seria o humano capaz de estabelecer vínculos entre vida e ética, ou seja, reparando aquilo que a ciência havia perdido. O “sentido” de sua transcendência diante do fenômeno, e da estrutura deste, é de reaver o sentido do fazer científico, o qual nega a emergência da experiência humana (HUSSERL, 2012). Ora, a “crise” a qual Husserl nos expõe, em 1936, é um chamado as proposições de um mundo o qual estava prestes a presenciar, em 1940, o que seria chamado posteriormente de II Guerra Mundial, o que pode e deve nos fazer refletir sobre o que realmente significam determinados “avanços sociais” diante da estrutura político-científico a qual todos somos submetidos.

todos os seus fragmentos textuais, a se comunicar *através* do método (reconhecendo inclusive aquilo que ele é incapaz de alcançar) e dele, assim, comportar aquilo que a existência *ainda pode vir a me revelar*. Entretanto, o que levaria a existência a condicionar-se, visto que ela enquanto manifestação está para ser vista e não-limitada a um único paradigma? Como descrito na citação anterior, Merleau-Ponty sugere que a existência acontece somente quando me reporto a este “mundo humano”, mesmo que de forma periférica, reivindicando a escolha, ou seja, instiga-me a posicionar-me diante desse mundo: posso abster-me diante da existência, encerrando minha sensibilidade para longe e, assim, tirando seu direito de expressão ou habilito o seu ingresso entre o eu e o Outrem e, mais do que a minha própria existência, a expressão deste Outrem em minha existência.

Como visto nas narrativas, o *movimento para* era uma concepção de pensamento e linguagem para com a comunidade do bairro Nonoai, porém sem a presença do Outro enquanto voz, escuta, tato e olhar o *continuum* se perde por entre os espaços que a linguagem criou. Assim, a relação em saúde, e aqui pensando a saúde enquanto construção social, aonde enfaticamente incluo a Educação Física, tornar-se-á presente quando a sua sensibilidade conseguir adquirir independência para *o seu real propósito de trabalho* - o qual só pode ser respondido pelo próprio Educador Físico e as relações a quais comporta em si<sup>4</sup>. Pensar em saúde, nos leva a compreender as dimensões de um corpo o qual não irá necessariamente corresponder as políticas de saúde do Estado, tão pouco contemplar toda a diversidade humana em uma única perspectiva. Entretanto, quando o movimento encontra-se com o *espírito de seu tempo*, este consegue transcender as construções dadas a prioristicamente ao próprio espaço, pois dialoga constantemente com as questões que lhe compõem, pois é sempre expressão e revelação de algo o qual se apresenta visivelmente, representando uma humanidade a qual compõem a referência de outras humanidades e, assim, a sensibilidade a qual me sustenta enquanto indivíduo.

Complementando, Silvino Santin (1997) destaca que “a sensibilidade não faz parte do universo da pesquisa científica e não é aceita como elemento da reflexão filosófica, não é boa conselheira para decidir as atividades dos profissionais da saúde e de qualquer outra profissão. Apelar para os procedimentos científicos nada resolve porque exatamente estes são responsáveis pela não aceitação das contribuições e da simples presença da sensibilidade na produção do saber científico” (SANTIN, 1997).

---

<sup>4</sup> Evidentemente, tal discussão deveria nos propor um outro tópico, sobretudo diante do que pode vir a ser a concepção de corpo do Educador Físico no cenário moderno e a sua formação acadêmica, a qual também se insere em uma formação política do seu pensamento, dos gestos e da sua forma de reflexão.

Para onde ir? Se a amplitude do nosso olhar está sempre voltado para uma produção determinista, é a partir da sensibilidade aonde eu posso reaver “a capacidade de criar novos modelos de vida, de perceber pluralmente a realidade, de sentir livremente sensações diante dos outros” (SANTIN, 1997). Ainda assim, temos de reconhecer as nossas intenções, as motivações que integram o eu-observador e o que impede este, dentro das “operações possíveis”, perceber a “amplidão da vida” (MERLEAU-PONTY, 2011, pg.119). De fato, o exercício dessa sensibilidade, latente em todos os seres humanos, demanda um *desprendimento de fato* de conceitos, provocando a fissura de vínculos até então ditos hegemônicos.

O que nos aguarda são as escolhas que ainda temos a serem investidas em prol de um Outro o qual ainda esta por vir e que, também, é anterior a mim. Posto isso, cabe a sensibilidade um difícil encargo, o de realizar o encontro entre os seres e de possibilitar a relevância do afeto a partir da linguagem, pois “a essência da linguagem é bondade ou, ainda, que a essência da linguagem é amizade e hospitalidade” (LEVINAS, 2008, pg. 303).

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BETTI, Mauro, et. al. **Por uma didática da possibilidade: implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty para a educação física**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 28.2 (2007).
- BRASIL. **Política nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Cadernos de Atenção Básica de Saúde: saúde mental**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013
- CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- DALLA COSTA–UNIPLAC, Wanderleia, and Carmen Lucia Fornari Diez-UNIPLAC. **A relação eu-outro na educação: abertura à alteridade**.
- DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia**. São Paulo: Centauro, 2008.
- DA SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. **"Fenomenologia e educação: uma abertura recíproca"**. *Semina: Ciências Sociais e Humanas* 32.1 (2012): 59-64.
- DEDECCA, C. S. **Aspectos conceituais da vulnerabilidade social**. (2007).
- DE OTTAWA, Carta. **"Primeira Conferência Internacional sobre promoção da saúde"**. *Ottawa, novembro de* (1986).
- DUTRA, Elza. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica**. *Estudos de psicologia* 7.2 (2002): 371-378.
- FALABRETTI, Ericson. **A presença do Outro: inter-subjetividade no pensamento de Descartes e de Merleau-Ponty**. *Rev. Filos. Aurora* (2010): 515-541.
- GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio D'água, 1997.
- HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio - A Ciência da Lógica**. São Paulo: Loyola, 1995.
- HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- KAFKA, Franz. **O veredicto/ Na colônia penal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2006.

LARROSA BONDIA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Tradução: J. W. Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*: 20-28.

LEVINAS, E. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade.** Coimbra: Edições 70, 2008.

MERHY, Emerson Elias, and Laura C. Macruz Feuerwerker. **Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea.** *Mandarino ACS, Gomberg E, organizadores. Leituras de Novas Tecnologias e Saúde. São Cristóvão: Editora UFS* (2009): 29-56.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia do percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 2007a.

\_\_\_\_\_. **A prosa do mundo.** São Paulo: Cosac Naify, 2007b.

PEIXOTO, Adão José. **Fenomenologia, ética e educação: uma análise a partir do pensamento de Husserl.** *Fragments de Cultura* 21.3 (2011): 489-504.

ROXO, Lucas Costa. **Fenomenologia e educação: uma crítica à redução da pedagogia à metodologia.** *PERI* 2.2 (2010): 106-118.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento.** Porto Alegre: Est, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação e sensibilidade.** Disponível em <https://silvinosantin.wordpress.com/>. Santa Maria: 1997. Acessado em: 22 de novembro de 2015.

SCHELER, Max. **Da Reviravolta dos valores.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SÉRGIO, Manuel. **Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SIQUEIRA, Teresa CB. **A construção da intersubjetividade em Merleau-Ponty.** *Revista Educativa* 5.1 (2002): 119-134.

SURDI, Aguinaldo Cesar, and Elenor Kunz. **Fenomenologia, movimento humano e a educação física.** *Movimento (ESEF/UFRGS)* 16.4 (2010): 263-290.